



## O homem oriental é diferente

Reportagem de Manoel Tavares

**N**UM giro por 30 cidades japonesas, apresentando-se em 33 shows, **Renata Lu** aprendeu muito com o povo do Japão. Contratada pela Organização Budista do Japão, **Min-On**, ela e os demais componentes do **Brazilian Carnival '79** (Paulo Moura, Joel Teixeira, Djalma Corrêa, Hélio Schiavo, Valdecir Ney e o grupo Sambacanas) fizeram os japoneses formar até um bloco no centro de Tóquio.

"O mais importante nestes dois meses foi sentir a música brasileira tomando de assalto também o Japão. Eu ouvi programas inteiros de artistas nossos e muitos discos tocados nas lojas. O momento é este. O público japonês não é nada frio como dizem. Pelo contrário, eles vibram com nossa música e chegam a subir no palco para sambar com a gente. Nós chegamos a improvisar um carnaval nas ruas de Tóquio que foi um sucesso."

O que assustou Renata foi a alimentação: "Tem um tal de broto de bambu que não é mole. E o arroz, peixe e legumes são temperados com açúcar, além de se comer peixe cru todos os dias."

De volta ao Brasil, para o lançamento de seu 1.º LP, "Tô Voltando", produção de Paulinho Tapajós, Renata comenta o cansaço da temporada longe da terra, com costumes diferentes e transando português apenas com a rapaziada do grupo. "No fim eu já cantava em japonês e falava alguma coisa para o público." Mas, além da comida, Renata achou interessante o tratamento dado às mulheres: "Aqui a mulher não é tão submissa quanto no Japão. No oriente, a mulher é respeitada mas tem o seu lugar depois do homem:"

Satisfeita com o trabalho de Paulinho Tapajós, Renata comenta: "O Paulinho realizou um trabalho inteligente. Mesclou o samba urbano com o de morro, misturando Candeia, Noca da Portela, Leci Brandão, Darcy da Mangueira, Totonho e Piteira com João Bosco, Aldir Blanc, Vinícius, Antonio Maria, Edmundo Souto, Maurício Tapajós, Carlinhos Vergueiro, Paulo César Pinheiro, entre outros. Saiu um disco de extraordinária beleza. A ISAEC me deu os recursos que necessitava."



Renata Lu mostra o samba bem brasileiro ao japonês

VEICULO 1540 e CIDADE Rio de Janeiro  
 ESTADU RJ DATA 7 / 11 / 79  
 COLUNISTA Nº 150

# BRASILEIRO PARA 1980.



prejudica em nada o rendimento. É uma questão de concepção mecânica: o motor e o câmbio colocados transversalmente garantem um melhor desempenho com menor perda de potência por transmissão. Por isso, mesmo fazendo até 17 km/litro em velocidade normal de estrada, o Fiat acelera rápido e ultrapassa sempre com segurança.

**ESCOLHA COM CONFORTO.**

Com o motor e o câmbio colocados transversalmente, sobra espaço para que até 5 pessoas possam sentar-se com todo conforto

e não precisam disputar lugar com as bagagens. O Fiat é um carro que oferece muito espaço, sem ocupar muito espaço.

## MÚLTIPLA ESCOLHA. TODAS CERTAS.

Só a linha Fiat oferece 7 versões: o 147, o 147 L, o GL, o GLS, o Rallye, a Pick-up (com motor de 1.300 e 1.050 cc) e a Furgoneta. A cada um segundo as suas necessidades.

Todos com novos detalhes no acabamento, novas cores e uma nova faixa lateral em borracha preta.



Vá até uma Concessionária e peça para dirigir qualquer uma das versões do modelo econômico brasileiro para 1980. Só um milagre pode fazer você não gostar de nenhuma delas.



DESBUM

## O precoce verão dos 80

Políticos, exiletes e seios nus balançam ao calor das festas

Wagner Carelli

Em recente noite de sexta-feira, o vento parou repentinamente de soprar sobre o morro da Viúva, no Rio de Janeiro. A seus pés, na sede social do Flamengo de Márcio Braga — transformada em Clube do Samba de João Nogueira —, os músicos em torno dos bumbos e metais ficaram reluzentes de suor. Tirando o lenço, o bailarino Vladimir Palmeira, ex-presidente da UNE, enxugou o rosto e agarrou de novo, firmemente, a cintura de seu par. Alguns casais adiante, o pecezão José "Pé-de-Valsa" Salles,

talvez preocupado em não ser confundido com o ecologista Lúcio Flávio "Dancin' Days" Regueira, arregaçou as mangas e elevou ainda mais alto a mão esquerda de sua deslizando esposa. Nada de rosto colado, é claro. Apenas um galhardo requebro. Fevereiro.

No sábado o suor empapou os banhistas sob o Sol de Ipanema. Por Sol entenda-se o hotel beira-mar em frente ao qual as mais badaladas figuras vindas do exílio douram seus corpos outrora tão castigados. Às *exiletes* — sempre aos magotes ao redor de seus eleitos — tocou nesse dia uma estranha premonição. Consideraram: tá pintando um tremendo clima, cara. E um insólito acontecimento coroaria a súbita febre. Dos lados do pier, a algumas jardas dali — onde outrora reuniu-se a fina flor da piração ca-

rioca —, chegou correndo um esbafofido e cabeludo mensageiro de meia-idade. O desabotinado cidadão parecia fugir dos dez anos de inverno seguidos ao outono da contracultura. Tropeçou em cinco *refugigatas*, três psiquiatras e em Caetano Veloso. Passou por Fernando Gabeira sem atinar para sua preleção sobre a matança das baleias. E parou com seus olhos vidrados de visionário em frente aos seios belos, juvenis e nus da *nimphet* Patrícia Casé, festa para os olhos capaz de empanar a concorrida chegada, naquela tarde, de Luís Carlos Prestes ao Galeão. É verão!, gritou o vidente. Estava mesmo pintando um clima incrível. Abria-se, em parto prematuro, o primeiro verão da abertura.

Todo mundo mesmo. O calor foi ante-

ISTOÉ 7/11/1979



DESBUM

# O precoce verão dos 80

Políticos, exiletes e seios nus balançam ao calor das festas

Wagner Carelli

Em recente noite de sexta-feira, o vento parou repentinamente de soprar sobre o morro da Viúva, no Rio de Janeiro. A seus pés, na sede social do Flamengo de Márcio Braga — transformada em Clube do Samba de João Nogueira —, os músicos em torno dos bumbos e metais ficaram reluzentes de suor. Tirando o lenço, o bailarino Vladimir Palmeira, ex-presidente da UNE, enxugou o rosto e agarrou de novo, firmemente, a cintura de seu par. Alguns casais adiante, o pecezão José "Pé-de-Valsa" Salles,

talvez preocupado em não ser confundido com o ecologista Lúcio Flávio "Dancin' Days" Regueira, arregaçou as mangas e elevou ainda mais alto a mão esquerda de sua deslizante esposa. Nada de rosto colado, é claro. Apenas um galhardo requiebro. Febril.

No sábado o suor empapou os banhistas sob o Sol de Ipanema. Por Sol entenda-se o hotel beira-mar em frente ao qual as mais badaladas figuras vindas do exílio douram seus corpos outrora tão castigados. As *exiletes* — sempre aos magotes ao redor de seus eleitos — tocou nesse dia uma estranha premonição. Consideraram: tá pintando um tremendo clima, cara. E um insólito acontecimento coroaria a súbita febre. Dos lados do pier, a algumas jardas dali — onde outrora reuniu-se a fina flor da piração ca-

rioca —, chegou correndo um esbafo-rido e cabeludo mensageiro de meia-idade. O desabotinado cidadão parecia fugir dos dez anos de inverno seguidos ao outono da contracultura. Tropeçou em cinco *refugigatas*, três psiquiatras e em Caetano Veloso. Passou por Fernando Gabeira sem atinar para sua preleção sobre a matança das baleias. E parou com seus olhos vidrados de visionário em frente aos seios belos, juvenis e nus da *ninphet* Patrícia Casé, festa para os olhos capaz de empanar a concorrida chegada, naquela tarde, de Luís Carlos Prestes ao Galeão. É verão!, gritou o vidente. Estava mesmo pintando um clima incrível. Abria-se, em parto prematuro, o primeiro verão da abertura.

Todo mundo mesmo. O calor foi ante-

cipado pela pré-anistia e resultou num pré-verão. Há dez anos não se via país como este. Pede-se uma cerveja num bar da Barra da Tijuca, no Rio, e corre-se o risco de enfrentar duas horas de doutrinação com aquele desconhecido velhinho de cotovelo no balcão — que diz ser, imaginem, o líder comunista Gregório Bezerra. A 500 quilômetros dali, num local eminentemente dissoluto da rua Henrique Schaumann e da noite paulistana, o ex-sindicalista Roque Aparécido da Silva troca seu conhaque por um chope para aliviar a quente modorra estancada entre as mesas. E divisa, entre a fumaça dos cigarros, o líder das hostes tefepistas, o dr. Plínio Correa de Oliveira. Sem crucifixo. Talvez pelo calor.

Delírio? Quem sabe. Às vezes os convivas das festas de Maria Augusta Brandão, viúva do jornalista Darwin Brandão, fecham os olhos e se imaginam em Argel, Paris, Lisboa, Estocolmo ou mesmo Havana, não fosse o calor típico dado pela *entourage* local. Exemplo: numa noite de quinta-feira, entre Djaniras e Portinaris incontáveis nas extensas paredes do aparta-

mento ipanemense de "Guguta" Brandão, Hélio Pellegrino entrou em sério conflito com Otto Lara Resende, coisa de escritores. Ziraldo, por sua vez, se desentendeu com Otto Lara Resende, coisa de escritores e cartunistas. Uma bela e desconhecida moça quis então brigar com Otto Lara Resende, coisa de desamor. E todo mundo — mas *todo mundo mesmo*, como se diz de quem esteve nas festas de Guguta — falou mal e baixinho de Otto Lara Resende. Exceto Milton Nascimento e Paulinho da Viola, *en passant*. Ah!, sim, e aquele senhor rodeado de sérios circunstantes, sempre com um copo na mão e, segundo consta, o homenageado da noite. Um certo Miguel Arraes.

Numa de horror. As festas de Guguta são um exemplo vivíssimo do Rio fagueiro deste pré-verão. E sempre na base da frente ampla. Nem dona Iramaya de Queirós Benjamin, mãe de um ex-presno político e de um exilado, costuma ser "podada". Para quem não se lembra, a simpática senhora, por volta de declarar-se sexagenária, ganhou notoriedade numa

seríssima reunião do Comitê Brasileiro pela Anistia, quando falou pelas mãos de exilados. Em sua alocação, dona Iramaya atentou para os hotéis de terceira categoria nos quais os mexicanos hospedavam os brasileiros a perigo, para constrangimento geral. E arrematou, levando a platéia a gáudio contido e encabulado: "Vocês me desculpem a expressão, mas os nossos filhos estavam numa de horror". Figura de proa na luta pela anistia no Brasil, os rompantes de dona Iramaya são sempre bem acolhidos pelos anfitriões cariocas. Já é do folclore recebê-la e comentar seus olhares para os rapazes das novas e novíssimas gerações de *engagés*. Ela sempre deixa escapar críticas e suspiros.

O Rio é, literalmente, uma festa móvel. A esquerda, mais do que nunca, merece, sem qualquer sentido pejorativo, a classificação de *festiva*. Descobre-se, de repente, que fazer oposição não significa mais uma tragédia para a qual a força do destino empurrava. O militante entrega-se ao fruto outrora proibido da descontração. E, assim não fosse, o disciplinadíssimo e austero militante enca-



Gabeira lançando seu livro, no Rio: nem ai com os julgamentos

tado de Moscou, José Salles, não esqueceria por três vezes sua pasta repleta de documentos político-partidários em bancos de táxi. O calor parece tê-lo afetado como ao Mersault de Camus, aquele que matou por causa do sol.

**Lazer alternativo.** O élan descontraído das recepções de Guguta espalha-se pela cidade em happenings variáveis do político-cultural ao erótico, repetidos como em incessantes sessões de cinema.

Há, é certo, um planejamento prévio para permitir a participação de todo mundo, mas *todo mundo mesmo*, às variadas manifestações. É comum assistir aos encontros das pessoas em lançamentos de livros — uma das atividades exponenciais no roteiro das comemorações — e vê-las olhando-se com uma irremediável sensação de *déjà vu*. “De onde eu te conheço mesmo?”, pergunta-se com frequência. E as alternativas não caberiam num teste vestibular: a) do lançamento do livro de Gregório Bezerra; b) da chegada de Brizola ao Galeão; c) da chegada de Arraes ao Galeão; d) da chegada de Gabeira ao Galeão, claro; e) daquela vez em que você me pediu pra segurar a faixa um pouquinho; f) do caríssimo e enrustido restaurante Castelo da Lagoa, onde se briga sem chateação; g) do restaurante La Cave Aux Fromages, lembrando o antigo morador daquela casa, o deputado assassinado Rubens Paiva; h) do saguão do Hotel Everest, discutindo PTB enquanto se espera Brizola descer do *branch*; i) do bar Mistura Fina, finíssimo; j) daquela manifestação da Cinelândia, quando o microfone não funcionou e as 5 mil pessoas presentes repetiam os versos declamados no palco, inclusive aque-

les que diziam *Então você, devagar/ Pós os dedos na minha vagina*; l) de todas, absolutamente todas as anteriores. Ou então do julgamento de Doca Street.

**Pipico, o feérico.** Não, não, o Baixo Leblon já não existe desde a briga entre os Novos Baianos e um grupo invocado de malucos, num tremendo baixo astral, há meses. Veloso, o nosso bar? Nem pensar. Quando assumiu o consumismo e adotou o nome de Garota de Ipanema, já era. Só foi possível chorar nas mesas, até que todas foram leiloadas com o rótulo “aqui Vinicius de Moraes compôs Garota de Ipanema”.

**Exilite** nenhuma curte esses baratos ancestrais (leia quadro na pág. 49), quando se sabe que Vladimir Palmeira não pára de dançar no Clube do Samba, genial invenção do jornalista Sérgio Cabral e do sambista João Nogueira. Senão ele estará fatalmente nas festas eventuais de fim de semana da Casa da Estudante Universitária, o CEU, onde desde 1968 é considerado muito feio pelas estudantes e não perdeu o apelido de “Pipico”.

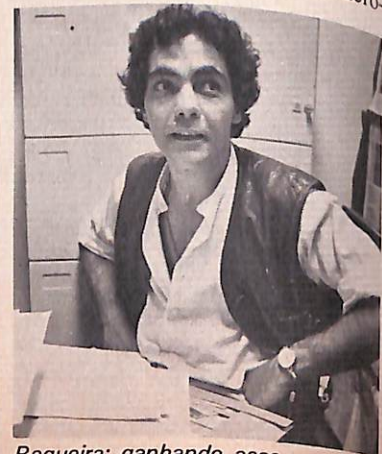
Pois Pipico, mesmo dez anos mais velho — e, sem dúvida, esgotado esteticamente —, esbanja atração e não escapa das *refugigatas*. Ele, é inegável, oferece emoções. Noite dessas, Pipico festejava no CEU quando recebeu informes de outra festa, no Clube do Samba. “Tá um horror. Só tem professora perguntando uma pra outra como vai a tese”, transmitiram. Pipico, talvez nostálgico dos velhos tempos de ação, planejou no ato um assalto ao Clube do Samba. “Por aqui acabou a Brahma.”

Já no dia de sua chegada Palmeira estabeleceu uma linha direta Paris—Galeão—Clube do Samba. Sentado a

uma mesa com mais sete ex-dirigentes estudantis, ele teve de imediato uma desagradável surpresa: na mesa ao lado estava José Salles com mesa a vários pezeções. Todo mundo, mas havia rompido com o PC. Então Salles mandou-lhe um bilheteinho, o chamado *torpedo*: “Tenho muito prazer em conhecer o Vladimir”. Pipico levantou-se e foi abraçar o Salles. Não houve *refugigato* que não se arre-

**Longo e rimel.** A alegria é, por certo, uma espécie de catarse depois dos anos de terror, incerteza e neve. E para os que ficaram, os reencontros parecem tender a conduzir, de forma absolutamente natural, de uma forra sobre dez ou mais verões dilacerados pelos anos de ferro e fogo. Pipico, mostra-se necessário não perder um minuto de calor. *Refugigatas* e Clube do Samba para as recepções aos retornados no Galeão. As *exilites* demonstraram tenacidade única em muitas dessas expedições, suportando agruras notáveis em seus *longos* noturnos. O avião de Arraes, por exemplo, atrasou-se quase cinco horas. Pelos corredores do aeroporto já não cabiam mais os olhos cheios de ansiedade e admiração totalmente borrados pelo rimel. *Refugigatas* e *refugigatas* dormiram pelas escadas. Mas sempre valeu a pena.

A última grande *rentrée* no Galeão foi a de Luís Carlos Prestes. E a tendência natural do processo é, agora, o refluxo e o esvaziamento das operações. Após a chegada do Cavaleiro, esses rumos já eram perceptíveis no interior superlotado dos cas — da linha Galeão—Leblon. Uma senhora empolgadíssima, dando francamente sua bandeira e dizendo-se nascida com a Coluna Prestes, declarava-se plenamente realizada e só garantia novo traslado ao aero-



Regueira: ganhando asas

ISTOÉ 7/11/1979

porto em janeiro, à chegada de Sinatra. Além do mais, o rasgo extemporâneo e precoce do verão é um indício seguro da decadência do Galeão como ponto imprescindível no programa festivo-ideológico. Há antecedentes claros com os quais, numa análise histórico-retrospectiva, torna-se possível traduzir corretamente esse processo vertiginoso-coercitivo. Assembléias no Sindicato dos Jornalistas do Rio, por exemplo, verdadeiros sudcessos em dias de chuva e vento, Os profissionais costumam ter acessos de arrependimento sob o sol, mas o auto-arrependimento está à mão. Assembléia de sábado só serve para o presidente Carlos Alberto de Oliveira, o “Caó”, entregar o cargo. E recuar sob aclamação. Passe o bronzeador, enfim.

**Buscando a direita.** Além de tudo, é preciso reconhecer: todo mundo, mas *todo mundo mesmo*, está indo à praia.

## Refugigata tem mais é que tietar, carinha

*Elas se dividem em dois grupos. No primeiro, todas abominam a classificação de exilites. No segundo, as exilites são sempre as outras. Em todo caso, todas são refugigatas, devidamente acompanhadas de refugigatos. Costumam receber também o designativo de tietes, pela prática constante da tietagem, um termo ainda distante do novíssimo Aurélio, mas abertamente em voga na cidade do Rio de Janeiro. Antigamente badalarão significava o mesmo — mas badalar é, hoje, um verbo out.*

*Exilite não tem idade, embora pareça sempre adolescente. Helena Celestino, por exemplo, não corresponde exatamente à figura de uma cocota. E, contudo, é considerada a refugigata mor. Transou quatro exilados no exterior e retornou casada com o quinto — merecendo das exilites mais jovens o respeito concedido aos decanos.*

*Exilite está em todas: na praia, no lançamento de livros, no lançamento de livros, na praia e, outras vezes, no lançamento de livros. No caso de noite de autógrafos, elas voltam a dividir-se. Umam usam laços de fita — o chocante atual — de organdi e calçam alpargatas. Outras usam laços de fita Gucci e legs de malha. Elas tornam a igualar-se, porém, na disputa pela melhor dedicatória e na batalha incansável por um “A Clô” com um abraço, no*

Sob o Sol, claro, o Hotel Sol de Ipanema. Fica pouco à direita da rua Montenegro, desde o ponto de vista de quem olha o mar. A Montenegro, antes de pintar o Sol, fica um pouquinho à direita do pier, onde *todo mundo* juntava no último verão da contracultura. E o pier fica à direita do Cas-



As graciosas tietes em ação: pelo Partido Socialista Amoroso

*minimo, afetuoso do autor. Na areia usam biquini e arriscam vez por outra um topless sob o Sol de Ipanema. Mantêm-se a uma distância discreta dos ídolos, mas atentas a cada movimento, sorriso ou comentário — em geral, gênio — dos retornados.*

*As preferências das exilites são inconfundíveis. Fernando Gabeira e Lúcio Flávio Regueira disparam no gráfico das predileções. Razões:*

- São jovens.
- São ótimos e almoçam no restaurante Natural.
- São uns gatinhos.
- Uns tesozinhos.
- Bem-educados, carinhosos, inteligentíssimos.

*Gabeira e Regueira, por sua vez, desconhecem a tietagem e as exilites. “Isso não existe”, diz Regueira. “As pessoas se querem, apenas. Quem acredita em badalarão está do outro lado.” As exilites também não crêem na própria existência: “Nós os amamos, e só”. Uma consideração que independe do passado político de cada um:*

- Eles tentaram alguma coisa.
- Foram malucos.
- Estavam com tudo.

*Além de Gabeira e Regueira, no entanto, poucos merecem a unanimidade do carinho. Prestes, por exemplo:*

- Não sei.

telinho, onde *todo mundo* se reuniu, num dia perdido no tempo, antes de os paulistas acharem aquilo o trecho mais *in* do Rio de Janeiro. Nenhum carioca se atreve a acercar-se de seus irmãos paulistas e corrigir-lhes a obtusidade de sua ingênua crença.

Como se vê, de forma sutilíssima, a *intelligentsia* caminha a passo de cá-

- Sei lá.
- Não é meu amigo.
- Não tem carisma.
- Tudo bem, mas eu não sou do seu fã-clube.

*Sobre Brizola:*

- Velho.
- Um saco.
- Só o Tarso de Castro gosta dele.

*Sobre o jornalista Tarso de Castro:*

- Gatão.
- Lindo, mas gosta demais do Brizola.

- Ninguém é perfeito, nem o Tarso. Exilite também tem posição, mas todas são sexuais, segundo dizem:

- Lemos Marx na cama.
- Palavras de ordem? Há inúmeras, dependendo da ocasião:

- Pão e orgasmo para todos!
- Sete drogas & rock'n'roll!
- Pelo Partido Socialista Amoroso!

*Sobre as exilites:*

- Usam alpargatas e são horrorosas!
- Usam legs de malha e são horrorosas!

*Sobre os exilados:*

- Estão virando meio estrelas, não? A entrevista deu-se no lançamento de O Que é Isso, Companheiro?, de Fernando Gabeira, na Livraria do Pasquim, Rio de Janeiro, pré-verão da abertura.

gado para a direita. Sosseguem. Ainda está longe de aproximar-se, por exemplo, do prefeito emedebista de Niterói, Wellington Moreira Franco, sempre postado em frente à Carlos Góes — uma rua muitas, mas muitas quadras à direita do Sol. Eleito sob votação massiva, o prefeito Moreira Franco levanta a cabeça, passa *skindew* no corpo, fita ao longe as ilhas Cagarras, solitárias em frente à praia de Ipanema, baixa a cabeça e lamenta profundamente a falta de popularidade que hoje pena em seu próprio município. O prefeito elabora em pensamento atentas soluções para tal. Mas, antes de decidir-se, *in extremis*, por banhar-se nas águas mortais da praia de Icaraí, junto ao chamado povo niteroiense, Moreira Franco atravessa a máquina do tempo — como os cariocas chamam a ponte Rio-Niterói —, volta ao século XX e vem banhar-se neste lado do paraíso.

Apesar de tudo, o prefeito de Niterói se mantém convenientemente distante, diga-se, do ex-governador Negrão de Lima, muito mais à direita na geografia da praia. E ainda mais distante de seu igualmente impopular colega Marcos Tamoyo, sempre deitado na extrema direita do Leblon, de cara fechada, imaginando quicá expedições punitivas contra seus inumeráveis inimigos via emissário submarino.

**Os seios pátrios.** O Sol, o brilhante Sol de Ipanema, contudo, está muito longe do irrecuperável Marcos Tamoyo. Afinal, é certo que o ponto se localiza à direita da antes badalada rua Montenegro. Mas permanece revolucionário. Não se deu lá, então, o lançamento oficial do *topless* em seio pátrio, graças à coragem e ao peito da jovem Patrícia Casé, a pioneira? A

ação não escapou às críticas, é certo. Papai Casé deu-lhe vários puxões de orelha. E, além dele, muitos receberam a atitude como uma expressão de demorado *démódé* num Rio que já vende em bancas livrinhos ilustrados com noventa posições sexuais. Ou onde *shows* de lesbianismo na boate New Munich são admirados até mesmo por acadêmicos, vide promessa feita por um certo senhor Aumessa feita por um certo senhor Aumessa a uma *starlet* do New: a de brinde-la com um dicionário autografado.

Muito mais *exciting* que os seios nus, aliás, são os pelinhos pubianos das ninfetas, igualmente à mostra sob as virilhas. Ou suas tatuagens nas breas virilinas. Mas foi o *topless*, essa boanquinha, que levou algumas centenas de *woyews* ao Sol de Ipanema. O insuportável Flávio Cavalcanti e equipe, por exemplo, lá estiveram, para desespero dos *habitues*, pouco afeitos a badalações de massa.

Do pedaço começaram a fugir alguns dos retornados mais requisitados. Lúcio Flávio Regueira passou a dedicar suas manhãs às aulas de asa delta com o filho do empresário de imóveis Sérgio Dourado. O psiquiatra Eduardo Mascarenhas deixou de dar a seus clientes a assistência suplementar dedicada diariamente em frente ao Sol. A própria qualidade do *topless* decaiu, levando mesmo à adesão de Caetano Veloso — que, lembrem-se, no ano passado usava bustiê. E, desgracia das desgraças: Fernando Gabeira também anda sumido.

**Bico fino & crochê.** Aonde não vai Fernando Gabeira ninguém vai. Ele é, sem dúvida, a figura mais amada e sedutora em todos os quadrantes políticos do Rio. Seu livro parece comover

vastos segmentos de grupos pouco dados a velhas palavras de ordem ou a épicos de forma. Suas idéias sobre o homossexualismo e a defesa de minorias surpreendem o mais adestrado de *exiletas* que o idolatra começa a reduzir-se apenas às correntes da badalação.

Claro, o verão da abertura ainda é frio o suficiente para permitir gélidos olhares sobre sua sunga de crochê, suas calças bufantes, camisetas coloridas e sapatos de bico fino. Ou sobre o exitoso lançamento de *O Que é Isso, Companheiro?*, seu último livro, na agitada inauguração da Livraria do vagante era a de Luís Freitas, o dono da butique Mr. Wonderful, impagável em paletó, gravata e bermudas. Uma *troupe* não menos controversa, que o próprio Gabeira. Em frente ao Sol, noutro dia, ele apareceu num impecável terno vermelho, pagueado guinze diálogo entre dois banhistas:

— Eu não quero ser sectário. Mas você não acha que o Gabeira anda meio esquisito?

O interlocutor mirou longamente o herói de todos nós. E procurou uma saída capaz de conciliar opiniões.

— Não sei. Pelo jeito, ele continua corajoso.

Os dois se entreolharam, viraram-se para o mar, voltaram a fitar o absolutamente despreocupado Gabeira e esticaram-se outra vez sobre suas toallas. Antes de dormir, o da coragem murmurou:

— Bem, pelo menos o terno é vermelho.

**Bingo "vs." sutiã.** A flamante notoriedade de Gabeira chegou a ser solicitada por São Paulo, este pequeno Alasca onde o verão custa tanto a chegar. Falta pique às vanguardas paulistanas, não se encontram fórmulas possíveis de relaxamento para tanta tensão invernal, e a solução foi importar *know-how* carioca. A iniciativa de comemorar em São Paulo o advento precoce do verão, anunciado boca a boca nos informes de viajantes vindos do antigo Distrito Federal, baixou como uma febre sobre um progressista conjunto de militantes do feminismo. O grupo Nós Mulheres, detentor de sede, garra e vibrante órgão porta-voz, decidiu-se por uma festa no domingo, 28.

Habilmente distante da franca to-



Caetano e Patrícia Casé (após *topless*) frente ao Sol de Ipanema: à direita do píer

ISTOÉ 7/11/1979

**COMPANHEIROS**  
CHURRASCADA - SAMBA E FORRÓ

VIVA A REVOLUÇÃO RUSSA  
VIVA AS VITÓRIAS  
DOS TRABALHADORES  
DE TODO O MUNDO!!!

Para finalizar a SEMANA CULTURAL em comemoração À REVOLUÇÃO RUSSA do outubro de 1917, convidamos você para uma churrascada com cerveja e música.

Vamos iniciar às 10 hs. com uma Palestra de TERESA DOS SANTOS, sobre a REVOLUÇÃO DE ANGOLA E GUINÉ BISSAU.

LOCAL: SEDE DA CONVERGÊNCIA SOCIALISTA, R. Santo André, 79 - Centro - São André

DATA: 28 de Outubro de 1979, 11 de out

PREÇO - Cr\$ 30,00

Em São Paulo: forró, churrasco e sambão ideológicos

mada de posições, o grupo não enviou convites a dona Anita Leocádia. Na verdade, mantinha-se velada certeza de que a primeira dama do PC entornaria o charmoso caldo de qualquer festa. Mas, além dessa justa preocupação, evidenciou-se apenas um fraquíssimo jogo de cintura dialético na concepção do evento. As pobrezinhas, talvez ainda penando os rigores do inverno ideológico, chegaram até a pensar, inicialmente, em fazer de um jogo de bingo o fulcro da comemoração. Lamentável.

Em assembleia conturbada, a proposta do bingo acabou como voto

vencido, embora por mirradíssima contagem. Antes de decidir-se ainda para qual causa enviar os fundos obtíveis — festa sem causa não seria festa —, a moçada tentou idealizar uma nostálgica queima de sutiãs. Foi quando apareceu Fernando Gabeira, em São Paulo desde o dia anterior para o lançamento de seu livro, e sugeriu logo meia dúzia de *toplesses* como *modus infalível* de fazer daquela uma manifestação inolvidável.

**Fugindo com a salvação.** No dia da festa o bar e estufa Galpão, local escolhido para o desbun, viveu seus mais

memoráveis momentos de *suspense*. Chegaram a ser anunciados quinze pares de seios de fora, para terror de uma tal dona Marília, 40 anos, deslocada por ali como leitão em missa. Ela despencara inadvertidamente naquela mansão do demônio enganada por um simpático convite recebido em aula. Dona Marília faz um curso para mulheres de executivos na Associação dos Dirigentes de Vendas do Brasil, e só pôde ir à festa acompanhada da mãe, de 70 anos, condição imposta pelo marido num repente de boa vontade. Até certo ponto, em atenção aos novos tempos.

Quando alguns estranhos rapazes lhe ofereceram um convite para uma churrascada em novembro, com samba e forró, em homenagem à Revolução Russa, dona Marília pirou. De nada adiantou o esforço dos moços da Convergência Socialista — que, seguramente, nunca fizeram curso na ADVB — acenando de quebra com uma palestra de Teresa dos Santos sobre a revolução em Angola e Guiné-Bissau. Dona Marília agarrou o sargento Jacaré, folclórica figura do Exército da Salvação, sempre de passagem pelos centros da dissipação paulistana, e retirou-se sob sua custódia. Estava, realmente, pintando um clima incrível.

**UM MOMENTO INESQUECÍVEL.  
DEPOIS... COINTREAU.**

9 / 11 / 79

## TV/Crítica



Elizeth Cardoso: sofrida demais

## Uma boa idéia mal realizada na TVE

Excelente idéia a homenagem que a TV Educativa prestou terça-feira ao cronista (um dos melhores que passaram por este jornal) e compositor Antônio Maria. Este País sem memória repete as suas canções, mas talvez nem saiba mais o nome do autor, aquele "menino grande" que dorme há 15 anos, com o raro privilégio de ainda tocar profundamente, de ainda fazer rir e chorar, os eleitos da sua amizade.

Alguns desses amigos participaram do programa: João Condé (a quem ele confiou seu diário íntimo), Fernando Lobo, Grande Otelo, Luis Bonfá, Roberto Faissal, Lurdes Mayer e Elizeth Cardoso interpretou o repertório relativamente curto, mas lindíssimo, de Antônio Maria: "Valsa de Uma Cidade", "Manhã de Carnaval", "Suas Mãos, Canção da Volta", "Se Eu Morresse Amanhã" e "Dorme Menino Grande".

Nota 10 para a idéia, nota quatro para a direção. Por maior que fosse a emoção dos participantes, o programa saiu velho, mofado, cheirando a museu, a necrológio. O "Bom Maria" (como o chamava Vinicius de Moraes) não gostaria de ser lembrado assim. Teria dado um uivo de horror se visse a "Divina", com enfatizada tristeza, colher e esmagar com os dedos uma folha. Gentilmente, teria aconselhado a Lurdes Mayer não carregar daquele jeito na maquilagem. E agradecendo a presença dos velhos companheiros, cobraria a dos mais jovens - seus filhos, os filhos desses amigos, seus próprios amigos da geração intermediária - que poderiam quebrar o tom pesadamente nostálgico da apresentação.

J. NAVARRO

## “Nas Asas do Moinho”, a gravação de autodefesa

O compositor, o instrumentista e o cantor que sempre existiram em Paulinho Nogueira passam a conviver numa só unidade a partir do lançamento de seu mais novo LP — “Nas Asas do Moinho” — uma gravação semi-independente, em que ele afirma estar, pela primeira vez, “por inteiro”.

Nos discos anteriores, Paulinho ou aparecia como solista de violão ou como cantor de suas composições vocais. Agora, após mais de dois anos sem gravar, tenta combinar as três facetas de sua produção artística num trabalho que o público poderá avaliar já na segunda-feira, às 21 horas no Tuca (rua Monte Alegre, 1024), durante um único show em que não só apresenta o novo LP mas, ao lado do “Clayber’s Trio”, mostra também uma composição do cubano Pablo Milanes.

A história desse novo disco, segundo Paulinho, tem mesmo muita coisa diferente da dos anteriores. A produção é de um amigo, José Carlos Costa Netto, também seu advogado, aluno e parceiro. A gravação foi feita no estúdio de um outro amigo, o compositor e teatrólogo Marcus Vinícius que também colaborou nos arranjos. Os músicos participantes, entre eles Hector Costita (flauta e saxalto), Mario Negrão (bateria), Papete (percussão), Kathy Havens (trompa), são seus companheiros há muito tempo.

— E para não quebrar a corrente efetiva que predominou durante todo o tempo, escolhi para fazer o lançamento do disco, uma gravadora nacional, embora ainda pequena, mas onde estou encontrando um ambiente compatível com o clima geral da produção. E aí entrou outro amigo, o Corisco (Waldeimar Marchetti), prometendo entrar na briga para valer com a sua jovem Arle-

quim, pois o que vale numa organização não é só o nome, mas, principalmente, a boa vontade e a qualidade do trabalho.

Até recentemente Paulinho Nogueira era contratado da Phonogram, gravadora que realizou dois LPs em seu nome. “O problema é que toda grande empresa, especialmente as multinacionais, exige que o artista grave pelo menos um disco por ano, não importando se ele tem condições para isso, se conseguiu reunir um número suficiente de boas composições, se está ou não a fim de gravar. De comum acordo com a Phonogram, e por não aceitar essas interferências e muitas outras, decidi não renovar o contrato”. Passado algum tempo, sem as pressões de ter de compor para gravar, Paulinho iniciou uma nova fase — parte dela já incluída neste LP da Arlequim — ligando-se às pessoas que estavam dispostas a uma parceria mais tranquila, sem grandes compromissos, a não ser com o público.

Paulinho Nogueira garante, ao mesmo tempo, que “Nas Asas do Moinho” não é produto de nenhuma contestação, é apenas um trabalho de autodefesa, uma vez que a certas normas não dá para a gente se adaptar”. O resultado, na opinião do músico, também é melhor. Nas faixas cantadas, pode fazer arranjos de base para dois violões, sempre incluindo a parte do solo instrumental, “pois sinto que minha principal fonte continua sendo o violão”. Em outras duas faixas — “Cantiga” e “Olhos Tristes” — contou com a participação vocal de Lúcia Turnbull, que até algum tempo atrás integrava o conjunto de Rita Lee, e mais recentemente de Gilberto Gil. Há ainda os solos especiais de violão sobre “Choro Chorado”, de Vinícius, Toquinho e Paulinho Nogueira, e “Fica Mal com Deus”, de Geraldo Vandré.



Paulinho Nogueira gravou seu disco graças aos amigos

10/11/79

## DE OLHO NA BOCA

J. Santana

## Notas e Notícias



Simone Carvalho e Cláudio Cunha, a vida em ritmo de lua-de-mel.

Produtora nova, com propósitos de realizações de nível internacional, pintando na praça. E a Produções Placard Publicidade, que tem na sua direção o talento e a experiência de Raul Roulien, ao lado de vários outros nomes do mesmo gabarito seu. Já instalada, sem perda de tempo para realizações: a primeira, apoiada e orientada pelos Ministérios e Secretarias de Estado ligados ao assunto "tóxicos", mostrará as atividades desenvolvidas na repressão e prevenção da toxicomania. A principal característica dessa produção será o seu caráter eminentemente didático; a segunda, uma cachoeira de gargalhadas consagrada pelo teatro internacional, tem a pretensão de possuir em seu bojo todos os requisitos que constroem as histórias de bilheterias campeãs. Duas propostas muito interessantes, sobre as quais a gente vai voltar com mais detalhes. E ao Raul e à sua Placard, os nossos votos de sucesso pleno e definitivo. Disponha da gente.

Cláudio Cunha partindo para mais um casamento: a eleita é Simone Carvalho, a Belinha da novela da TV. Ela que já participou de várias produções do diretor, agora está ocupando lugar de honra, além de nos elencos, também na vida e na emoção do Cláudio. A gente deseja sinceramente que esse amor dos dois "não seja eterno posto que é chama, mas que seja infinito enquanto dure". Com a permissão do Vinicius, é claro.

Mercado externo sendo, aos pouquinhos, conforme pode a força e o poder de persuasão dos nossos cineastas e produtores, devidamente conquistado. Seguinte: o filme "O Porão das Condenadas", ainda em cartaz nas telas da cidade, já tem apresentações confirmadas em Portugal. O compromisso foi firmado entre o produtor e diretor Francisco Cavalcanti e distribuidores lusitanos que viram o filme e resolveram levá-lo confiando

numa carreira comercial satisfatória. Parabéns prá gente.

Na próxima segunda-feira estréia nos circuitos de São Paulo e Rio o filme "República dos Assassinos", a primeira produção do agora internacional "rei da noite" Ricardo Amaral. E mais um investimento firme e forte na nossa indústria cinematográfica. Isso é bom. Cada vez vai sobrar menos espaço para os pseudo-cineastas. E isso é muito bom.

Entrevista coletiva concedida no dia de anteontem pelo Sidney Magal a propósito do lançamento do seu primeiro filme, também na próxima segunda-feira, esteve bem concorrida e a assessoria ao moço quem prestava, ágil e eficiente, era o produtor Pedro Carlos Rovai. Segundo opinião dos envolvidos nessa produção, a expectativa de faturamento é grande uma vez que o número de fãs que garantem o sucesso da carreira do cantor, é enorme. Muita badalação prevista no lançamento.

Patricia Scalvi mandando notícias do lançamento breve de seu último trabalho cinematográfico, "Tara, Prazeres Proibidos", uma produção da Brasil Internacional, dirigida pelo Luis Castellini. Uma história violenta e carregada de sensualidade. A gente confia muito no talento dessa moça que sabe muito bem o que quer da vida e como fazer para conseguir chegar lá.

Ontem acho que não ficou bem clara aquela história do excesso de sorte do Rubinho. Seguinte: pelo compromisso anterior assumido, ele não pode aceitar o convite do Meliande. E não poder agarrar uma chance dessas, decididamente, é excesso de sorte. Coisa de quem tem talento.

# O SOM NOSSO DE CADA DIA

Tárik de Souza

- Instado a gravar um disco cantando na Elenco de Aloisio de Oliveira, o compositor Billy Blanco esquivava-se em autocriticas. Até que o filho lhe trouxe um argumento irresistível: "Pai, se o Vinicius de Moraes canta, por que você não pode?" E Billy gravou o disco, sem mais delongas. Foi necessária uma bateria de argumentos semelhantes, para convencer o compositor Paulo Vanzolini a registrar o **Por ele Mesmo** (Eldorado). Outro não-cantor empedernido, o zoólogo Paulinho, como era conhecido na boate Jogral, de Carlos Paraná, resistiu o quanto pôde: está com 55 anos. Felizmente baixou a guarda e o público pode ouvi-lo contar a saga do Alberto, "o que era bom demais", ou a capoeira do Arnaldo, o que deixou para trás "cinco noivas sem marido / sete crianças sem pai". Ou ainda outras do mesmo calibre especialíssimo: **O Rato Roeu a Roupa do rei de Roma**, **Bandeira de Guerra**, **Amor de Trapo e Farrapo** e o curioso trio de incomuns, **Samba do Suicídio**, **Samba Abstrato**, **Samba Erudito**.
- Começa na próxima quinta-feira, no amplo palco do Palácio das Convenções do Anhembi, em São Paulo, o Festival 79 da Tupi. Serão três eliminatórias (as seguintes, dias 22 e 29 de novembro) e uma finalíssima, dia 8 de dezembro, sábado, selecionada por um júri composto, entre outros, pelo maestro Diogo Pacheco, o cineasta Nelson Pereira dos Santos, o pianista Artur Moreira Lima, o pesquisador J.L. Ferrete e os críticos Zuza Homem de Melo e Maurício Kubrusly.
- Muda-se com bagagens e instrumentos do **Flamengo** (Teatro da Galeria) para **Madureira** (Cine Show) o espetáculo de **Alicione**, **Gostoso Venceno**, de 13 a 18 próximos.
- Fiel à influência beatle, o compositor mineiro Beto Guedes recria em seu terceiro disco mais uma da dupla Lennon & Mc Cartney, **Norwegian Wood**, em dueto com Milton Nascimento. **Casinha de Palha**, de seu pai, Godofredo Guedes, também integra o repertório, encabeçado por **Sol de Primavera**, do próprio Beto, a faixa título. Os arranjos orquestrais do disco são do tecladista Wagner Tiso, e Beto ainda se encarrega de oito instrumentos: violão, guitarra, piano, cuatro boliviano, baixo, bandolim, bateria e percussão.
- Responsável pela carreira de artistas como Todd Rundgren e Foghat, Paul Fishkin e seu sócio, o jornalista Danny Goldberg (**Rolling Stones**, **Village Voice**, **Circus**), fundaram a **Modern Records**, mais um selo distribuído pela ATCO/WEA. O primeiro lançamento da **Modern**, brevemente também no Brasil, é o disco-solo da cantora **Stevie Nicks**, que apesar do voo alado não se desliga de seu grupo, o **Fleetwood Mac**.
- A exemplo dos Três Mosqueteiros que eram quatro, as duplas do Projeto Pixinguinha são geralmente formadas por três artistas. A constituída por Danilo Caymmi, Walter Queirós e Antônio Adolfo acaba de ser contemplada com um repeteco, por seu bom desempenho: apresenta-se com mais tempo para a platéia carioca do **Teatro Dulcina**, de 21 a 24 de novembro e de 27 de novembro a 1º de dezembro.
- Homenagem a Nelson Cavaquinho, definida pelo título, **Patrimônio Nacional**, a composição do sambista Piteira será um dos lados do compacto de Neusa Borges que sai por estes dias. Do outro, **Não Chores**, do veterano Babau da Mangueira.
- Desaparecido pioneiro do funk, o tecladista Sly e sua maluca família Stone (pedra) reaparecem de cara nova, modelo saúde, depois de um período de intenso tratamento para livrar-se da cocaína. Chega a ser irônico o título do LP que ele está gravando, sob a produção de Mark Davis: **Back on the Right Track** (De volta à Trilha Certa).
- Um recorde poético em todos os sentidos, os

155 versos da parceria Tom Jobim-Cacaso, em **Dinheiro em Penca**, faixa mais longa, 10 minutos e 25 segundos, do segundo LP da dupla Miúcha e Tom, recém-lançado. Como se trata de faixa que dificilmente tocará no rádio, recomenda-se sua audição ao aficionado menos distraído.

- Depois de dedicar o recém liberado LP **"Banquete dos Mendigos"** a elevadas autoridades nacionais, Jards Macalé foi levá-lo a um capitão de outra patente. Antes da partida Vasco X Flamengo, Paulo César Carpegiani, o capitão rubro-negro, em troca de uma cópia do álbum duplo, agradeceu ao compositor a inclusão dos jogadores de futebol entre as personalidades homenageadas com o referido **"Banquete"**, ainda que dos mendigos.

- Já está nas lojas **"10 anos de Saudade"**, LP com reedições do bandolinista Jacob Pick Bittencourt, em diversas fases de sua carreira na RCA: o do samba (**"Ai que saudades da América"**) do carnaval (**"Não Tenho Lágrimas"**), do Nordeste (**"De Limoeiro a Mossoró"**) e, obviamente, o mestre do choro (**"Proezas do Solon"**, **"Odeon"**, **Chora Cavaquinho**). Estranhamente, o **"Tributo a Jacob do Bandolim"**, gravado em estúdio no começo de agosto e programado para o final de setembro pela Odeon ainda não foi lançado. Encerrado o espetáculo que o justificou, Radamés Gnattali, Joel Nascimento e o conjunto Camerata Carioca ainda esperam pela saída do misterioso disco (seria um UFO?) naufragado, espera-se que temporariamente, "por motivos contratuais". Urge, porque passa da época da inadiável comemoração — e o mestre Jacob já devia estar imune a esse tipo de burocracia cultural.

- **Inverno do Meu Tempo**, título de uma das mais pungentes composições de outro mestre, Cartola, ficou sendo também o do LP de estréia da cantora Elizeth Cardoso na Som Livre. O disco será lançado no próximo dia 20 no Clube do Samba, com destaque para **Mulata Faceira** (João Nogueira-Paulo Pinheiro), cantada em dueto por Elizabeth e o presidente do Clube, o Nogueira, co-autor da música. Além da participação de Baden Powell ao violão e uma composição nova do violonista com letra de Vinicius (Queixa), Elizeth canta a **Bachiana nº 5**, com Villa-Lobos, com letra de David Nasser e arranjos do maestro Francisco Mignone. Contemporâneo de Villa, Mignone lembra que o compositor fez a **Bachiana** imaginando-a próximo do choro, mas a idéia original acabou esquecida. "Quando fui convidado a escrever o arranjo dessa música, me lembrei logo desse detalhe" — comenta Mignone. "Coloquei um naipe de violões, cellos, baixos e cordas em geral, mais um pandeirinho fazendo o ritmo e realmente ficou um choro".

- Armado exclusivamente de seu violão, um terceiro mestre, Dorival Caymmi, prepara-se para no dia 30 fazer um concerto no Teatro Castro Alves, em Salvador, produção de Hermínio Bello de Carvalho. Caymmi pintou ainda o cartaz do espetáculo e o da palestra, Villa-Lobos, Um Agitador Cultural, que Hermínio faz na terça-feira, 13, na ABJ, com entrada grátis. Ilustram musicalmente as palavras de Hermínio, Elizeth Cardoso, a Camerata Carioca, Turibio Santos e Joel Nascimento.

- Iniciada com a **Antologia Poética de Ferreira Gullar**, a série Documento, da Som Livre, prossegue com Jorge Amado, com o registro de seu livro **"Bahia de Todos os Santos"**, produção de Marilda Pedrosa. Na parte musical, temas de candomblé, cirandas e samba de roda. A seguir, será registrada a obra de Dorival Caymmi.

- Produzido pela Federação Nacional das Associações Atléticas Banco do Brasil, Fenab, o disco **Sarau Brasileiro** reúne um duo instrumental muito comum a esse tipo camerístico de encontro sonoro: flauta e piano. Mais típico ainda dessa época, esses instrumentos são tocados por duas moças, Odette Dias e Elza Gushikem, que revivem um repertório também característico: polca, tangos, valsas, lundus e modinhas.

Vinicius de Moraes



**Elizeth Cardoso:**  
disco de estréia



**Amelinha:**  
de terça em diante



**Alcione:**  
de mudança

espaço e papel para a música moderna, com seu **Jornal do Disco**, encarte que acompanha a publicação a partir dos próximos números.

• Canto da Ilha, uma nova casa de música brasileira, será inaugurada segunda-feira na Ilha do Governador, na Praia Belo Jardim, próxima ao Aeroporto Internacional. Elza Soares será a madrinha da casa, que tem como atração fixa a esfuziante Orquestra Tabajara de Severino Araújo.

• Conforme antecipado aqui, na semana passada, o compacto **Prá Não Dizer Que Não Falei de Flores**, na voz de Geraldo Vandré, foi liberado por uma repartição do Governo e proibido por outra. Trata-se, porém, de um caso em que não se aplica o brocardo jurídico **in dubio pro reo**. Quer dizer, valeu mesmo foi a proibição, com direito a recurso ao Conselho Superior de Censura. Uma liberação, portanto, que não será feita sem a troca de alguns dividendos políticos.

• Finalmente reconhecido na persistência árdua de sua música coerente, Luiz Gonzaga Júnior pisa o palco do Carlos Gomes, no próximo dia 14 com todos-os ares de **supestar** forjado na batalha. Deve levar multidões ao teatro de 1 mil 500 lugares (onde fica até 16 de dezembro), conforme aconteceu no Palácio das Artes, de Belo Horizonte, no Procópio Ferreira, de São Paulo e no Teatro do Parque, do Recife.

• Até domingo, a sanfoneira e compositora Cátia de França está em cena no Ipanema com o conjunto Bendegó. Da próxima terça em diante, o espetáculo será substituído pelo da cantora Amelinha, com um grupo musical liderado por Paulinho Machado (teclados), no lançamento de seu novo LP, **Frevo Mulher**. No Terezão, outro sanfoneiro, Dominguinhos, pega do fole de terça a domingo próximo, acompanhado apenas de Ary (zabumba), Cacau (triângulo) e Zezinho (pandeiro). Dominguinhos toca e canta o repertório de seu **Apôs, tá certo**, recém-lançado.

• Apresentado como uma sátira musical multirracial, vai às telas nas próximas férias o filme **Lerfa Mu**, escrito, dirigido e produzido por Carlos Frederico Rodrigues. No cardápio sonoro, coreografia de Ricardo Leitner, jazz, carnaval, óperas e operetas parodiadas. A parte musical é do cineasta e compositor Arthur Omar.

• A Cima — Associação de Compositores, Intérpretes e Músicos de Minas Gerais — propôs à coordenadoria de Cultura do Estado de Minas Gerais a implantação de um pólo de produção fonográfica no Estado. A idéia é utilizar os caminhos abertos pela produção independente para difundir a música mineira. Seria criado um fundo rotativo de Cr\$ 1 milhão para a concessão de financiamentos de até Cr\$ 300 mil na produção de discos locais, utilizando e desenvolvendo os talentos da região. Estes discos seriam amortizados pelos próprios artistas independentes com o produto de sua vendagem, conforme ocorre com a MPB-A (Música Popular Brasileira Alternativa) em franco movimento. Em São Paulo, o Grupo Um e o compositor João Zinho lançaram produções novas, enquanto no Rio, a Barca do Sol distribui à praça o seu **Pirata**, edição do selo independente Verão.

• Além do Cine Show em Madureira, também agita o subúrbio o Teatro Artur Azevedo de Campo Grande, cuja programação alterna peças teatrais e música popular. Neste fim de semana apresentou-se em temporada o **Quarteto em Cy**. De 22 a 25 próximos será a vez de João Nogueira com seu **show Carioca, Suburbano, Mulato e Malandro**.

• Em temporada no Planetário da Gávea o **show Piano Mágico e Humanos Convidados**, do tecladista Luiz Paulo, recebe a participação especial de Liminha (baixo), sábado, e Cláudio Nucci (violão e voz), na segunda-feira.

• O trio de novatas Fátima Guedes, Angela Rô Rô e Thereza Tinoco apresentou-se ontem no 2º **Show dos Novos Compositores**. Thereza continua em cartaz na boate Cirrose e outra integrante dessa nova geração de criadoras femininas, Joanna, está saindo em compacto devido ao sucesso de sua composição **Descaminhos**, em parceria com Sarah Benchimol.

• Com raras exceções, os atores de **Macunaima** nada sabiam de música. E enquanto eram adestrados na parte teatral por Antunes Filho, faziam o mesmo na parte musical, sob o comando de Murilo Alvarenga (filho de Alvarenga, da dupla com Ranchinho). O resultado foi o nascimento de flautistas, percussionistas e até mesmo compositores: a pauta da peça é criação (e execução) coletiva do grupo Pau Brasil, com um repertório que varia de música indígena (Xingu) a valsas de Strauss, conforme se contrapõem ações dos colonizados e colonizadores. Na terça-feira essa esplendida montagem, no Teatro João Caetano, completa 300 apresentações, o que inclui São Paulo e Nova Iorque no roteiro. Por todos os aspectos, inclusive o musical, não se pode deixar de vê-la.

• Popularíssima ainda aos 30 anos de carreira, a cantora Angela Maria será tema e homenagem do **É Preciso Cantar**, da TVE, na próxima terça-feira.

• A exemplo da finada revista **Rock/Jornal de Música**, também a publicação **Som Três**, devido ao êxito na área de leitores jovens, abre

14 / 11 / 79 n.º 495



**Título:** Pra Não Dizer que Não Falei de Flores  
**Intérprete:** Geraldo Vandré  
**Gravadora:** RGE Fermata

Onze anos depois de ser gravada, finalmente é lançado um disco de Geraldo Vandré com "Pra Não Dizer Que Não Falei de Flores." Esta música foi segunda colocada no III Festival Internacional da Canção realizado no Maracanãzinho, numa acirrada disputa que dividiu a platéia do gigantesco ginásio. E esta gravação foi feita ao vivo naquela ocasião, mas somente agora foi liberada. Por isso este disco tem sobretudo um valor histórico. Quanto à música e interpretação de Vandré nada há a acrescentar além do que foi dito na ocasião: impecável. O disco tem outra música de Vandré, "Fica Mal com Deus", também de grande força de comunicação.

Fernando Costa



**Título:** Jacob do Bandolim 10 Anos de Saudade  
**Intérprete:** Jacob do Bandolim  
**Gravadora:** RCA

A palavra "gênio" no Brasil é meio depreciativa. Todo mundo virou gênio. Quando a gente se encontra diante de um fica meio encabulado. Mas para **Jacob do Bandolim (Jacob Pick Bittencourt)** o adjetivo cabe como uma luva. Nesta "Série Documento", lançada pela RCA, está a prova nítida. Uma boa lição para essa geração de "duas posições" num instrumento de cordas. O repertório muito bem selecionado vai de **Ernesto Nazareth**, "Odeon", passa por mestre **Ataífo**, "Ai que Saudades da Amélia", pelo idem **Noel Rosa**, "Palpite Infeliz", e desmembra em **Tom Vinícius**, "Chega de Saudade". Os grandes solistas do Brasil já não florescem como outrora. **Jacob** é imortal.

Ronaldo Bôscoli



**Título:** Parque de Diversões  
**Intérprete:** Sandra Bréa  
**Gravadora:** ISAEC

Para **Sandra Bréa**, depois do cinema, teatro e TV restava apenas gravar um disco. E "Parque de Diversões", sobretudo alegre, é uma comédia musical levada em ritmo quase cinematográfico, com base nos arranjos incrivelmente modernos do maestro **Guio de Moraes**, com quem trabalha há longo tempo. Da trilha de **Getúlio Macedo**, com letras de **Hamilton Sbarra**, resultou um LP que não se destina apenas ao público infantil. É muito mais um trabalho adulto, com ênfase especial para as faixas "É Diversão" (abertura), "Viagem à Lua", "Trem Fantasma" (em estilo jazzístico) e "O Parque Vai Dormir" (que encerra o disco). **Sandra** dedica o LP ao Ano Inter-nacional da Criança.

Edson Pinto



**Título:** Natal com as Músicas de Roberto Carlos  
**Intérprete:** Luiz Carin e sua Harpa Celestial  
**Gravadora:** Top Tape

Na concepção do brasileiro, Natal sem **Roberto Carlos** não é Natal. Não importa que ele seja o interlocutor, basta que suas músicas sejam aproveitadas e transmitidas com muita qualidade. Ai é que está a importância do trabalho de **Luiz Carin** através de um repertório que muito tem a ver com o Rei. Quem não gosta de "Amigo", "Detalhes", "Amada Amante", "Proposta" e "Além do Horizonte"? São alguns dos grandes sucessos de **Roberto** que estão marcados para a eternidade e que foram acrescidos pela harpa magnética do excelente instrumentista. O trabalho de gerência artística foi bem aproveitado pelas inteligências de **Oscar Carin** e **Marcelo Duran**.

Luiz Carlos de Assis

# EM CARTAZ

## ESPETÁCULOS

### O Canecão é inviável para a bossa

Os cariocas agora querem crucificar João Gilberto

Foram dezessete anos longe do seu público, desde o inesquecível *show* no Au Bon Gourmet, *Encontro*. Quem assistiu nunca esqueceu: Tom, Vinícius, Os Cariocas e ele. Mas hoje, terça, 6 de novembro, onze da noite, o *show* da volta já vai começar. A cortina na frente do enorme palco está fechada, e, de repente, o Canecão fica na mais completa escuridão. Ao mesmo tempo, numa perfeita sincronização que só é possível nos melhores *shows* de audiovisual, a voz de Bebel começa a cantar *Chega de Saudade*, enquanto na tela suas fotos, uma atrás da outra, vão aparecendo. Bebel, 13 anos, filha de Miúcha e João Gilberto, pedindo no seu canto a volta do pai. A tela vai subindo e lá está João Gilberto, sozinho, violão em punho, a cantar o mesmo *Chega de Saudade*. Depois *Desafinado*, *Barquinho*, e, antes de cantar *Doralice*, fica dedilhando os acordes que ele inventou para tornar a bossa nova uma realidade, fazendo apenas um *scat* vocal. Enquanto isso, sua voz gravada em fita sai das muitas caixas de som espalhadas pela sala, e, numa entrevista à *la Godard*, com respostas sem perguntas, vai falando na importância das cordas, de suas partidas de pingue-pongue com Chic Corea. Abre-se uma cortina, e um conjunto com dez músicos começa a tocar *O Pato*. Depois é a vez de *Garota de Ipanema*, *Samba da Minha Terra* e *S'Wonderful*. Quando todas as cortinas do palco são finalmente abertas, aparece a orquestra de 23 figuras, regida pelo maestro Gaya. É a vez de *Estate*, *Wave*, *Retrato em Branco e Preto* e outros sucessos. Outra pausa, enquanto ele *swinga* nos acordes, e sua voz, outra vez saindo em *playback*, conta a história de quando ele viu da janela da sua suíte de hotel uma sentinela no Forte Copacabana começar a se mexer, a sambar e a gincar o corpo sem quase sair da posição de sentido. Todos ouvem a voz de João Gilberto dizer: "Vi então que estava realmente no Brasil". É seu nú-

mero final, e, para a surpresa da plateia, ele apresenta uma música nova no seu repertório, a antiga *Canta Brasil*, de David Nasser e Alcyr Pires Vermelho.

**Sonho.** Antes de a música acabar, numa mesa a uns 20 metros do centro do palco, reservada com uma semana de antecedência, quem está de pé, aplaudindo? Roberto Carlos. Do seu lado, seu amigo e parceiro Erasmo Carlos com *Marinha*, mais aquele bando de pessoas que estão sempre ao lado do chamado "Rej" e uma gata, bonita, assim meio curinga, dando bandeira como se fosse namorada de alguém, mas ela está, mesmo, é com Roberto.

O público começa a acordar daquela hora e meia de envolvimento e *João Gilberto* ainda é o grande gênio. O que terão achado os mais jovens que foram lá ver o idolo que só conheciam de disco e ouvir falar? E os exigentes críticos, o que estariam pensando do espetáculo? Cada um parece estar colocando uma cruzinha numa célula única que pisca como um néon dentro do cérebro, perguntando (pergunta número um piscando em roxo, a segunda, em amarelo): "João Gilberto (quadrinho) ainda é gênio? (Outro quadrinho) Virou um chato?"

Lamentavelmente todas estas perguntas ficarão sem resposta. Simplesmente porque nada disto realmente aconteceu. Sete horas antes de o *show* começar, toda a temporada de João Gilberto foi cancelada. E, como todos anteriores, disseram: "Quer dizer que o João Gilberto fez outras das



João: "Não vim para provar nada"

suas..." Naquela mesma noite a Rede Globo, por exemplo, num típico caso de bolas trocadas entre o departamento de jornalismo e o de filmes, mandou ao ar, durante seu sério e respeitado *Jornal da Globo*, uma reportagem feita na porta do Canecão com as pessoas que tinham ido receber o dinheiro das entradas de volta. Mais parecia um trecho cortado de um filme de banguê-banguê, com aquela cena da população do vilarejo a procurar um galho de árvore alto e bem forte para amarrar a corda, enquanto o mocinho diz, baixinho, no canto da tela: "Coitado, aqui nesta cidade ele jamais teria um julgamento honesto". E assim foi por parte da imprensa, por toda a cidade. Os boatos apareceram com rapidez: o Canecão tinha sabotado o seu próprio sistema de som — num absurdo haraquiri eletrônico —, desligando nove caixas para prejudicar o cantor. Para jogar dinheiro fora, por acaso? Esta não colou. Na véspera da estréia ele interrompeu o ensaio, desceu do palco e disse, baixinho, como é de seu feitio: "Olha lá, desci a escadinha daquele palco pela última vez. Sem som não existe música, e sem música não posso cantar".

**Novo som.** Prometeram um novo som para as três da tarde do dia seguinte. "Amanhã, amanhã, amanhã, amanhã, estou cansado de ouvir isso desde que cheguei. Com licença." E foi-se embora para o hotel. No dia seguinte explicou: "Ensaiei no Canecão como se estivesse ensaiando no meio da avenida Rio Branco com os carros passando, roncando, buzinando. Não vim aqui para provar nada. Depois de tantos anos, queria fazer uma coisa linda, com muito amor. E não sentar apenas num banquinho, com violão, para quebrar o galho. Sabia das consequências do cancelamento. Estão sendo terríveis. Mas muito pior seria enganar o público".

Muitos afirmaram: "Depois desta, ele nunca mais vai ter credibilidade ou coragem de cantar aqui no Rio". Não custava perguntar: "João, quer dizer que Rio de Janeiro nunca mais?" "Vou cantar aqui no Rio, claro, aqui é a minha terra, amo isso aqui. Vai ser num lugar menor, parece que é no Teatro João Caetano. Vai ser com um conjunto e eu com violão." "Para quando, João Gilberto, para quando?" "Mais ou menos para já, não é?" Esta última conversa é verdadeira e real. Acreditem. Agora, se vai ter mesmo o *show* no Teatro João Caetano, se João vai realmente fazer lá sua temporada, é melhor esperar para ver. E ver para crer.

João Luiz de Albuquerque

VEICULO Isto e  
CIDADE Rio de Janeiro  
ESTAB RJ  
DA A 14/11/79  
Nº 151  
COLUMISTA

Vinicius

VEICULO Cruzeiro CIDADE Rio de Janeiro  
 ESTADO RJ DATA 15/11/79 Nº 6  
 COLUMISTA

Mas tudo isso tem uma explicação lógica. E não é só o fato de Dina Sfat não estar agradando e, oficialmente, o afastamento do personagem de Mário Lago ser explicado como um problema de saúde, quando na verdade seu afastamento é consequência da pressão dos patrocinadores. Realmente o que está repercutindo junto à opinião pública é o lamentável desempenho de Francisco Cuoco — um ator em franca decadência. Aliás, Francisco Cuoco e Perry Salles, numa novela só, é dose pra leão. Um canastrão incomoda muita gente; dois canastrões incomodam muito mais. O fato é que, enquanto Francisco Cuoco e Perry Salles enterram o time, Vera Fischer melhora dia a dia, interpretando seu papel com bastante segurança. A respeito dela disse, recentemente, o Artur da Távola: "Quem olha Vera Fischer no papel de "Helena", de *Os Gigantes*, dando aquela cusparada em "Paloma", que sacudiu o video esta semana, talvez nem pare para pensar que ali está uma trajetória que já traz dez anos de trabalho. Dez anos de muito trabalho e luta. Se é fácil para mulher bonita aparecer e brilhar, é muito mais difícil ser aceita no que tenha de talento específico, além da beleza. Numa estrutura ideológica que apenas defere à mulher bonita funcionar como objeto de interesse ou prazer sexual, espécie de fetiche vivo da sociedade de consumo, a afirmação artística passa por muitos penares, muitos tempos, os cinco tempos de Vera Fischer. Primeiro o de Miss Brasil (1969), linda e desejada, pouco natural, sorriso de boneca, beleza padronizada. Depois a descida aos infernos, presente em qualquer carreira. No caso da mulher bonita, a descida aos infernos passa pela pornochanchada. Ambas de 1974, cinco anos depois de ser Miss Brasil. Os títulos dos filmes são ótimos: *A superfêmea* e *Essa gostosa brincadeira a dois*. Gradativamente vai surgindo a Vera Fischer atriz, crescentemente boa atriz. A "Sula", assustada, sonsa, estranha, interessantíssimo personagem criado por Dias Gomes para a novela *Sinal de Alerta*, em 1978. Agora mãe, mais bela ainda, agora atriz seguindo o seu honrado caminho da vida: Vera Fischer como a "Helena", a valente "Helena" de *Os Gigantes*. Dez anos de muito trabalho, cansaço e afirmação até chegar a protagonizar uma cusparada daquelas no principal horário da televisão brasileira"

**Claro que não poderemos dizer que o rapaz está em queda na sua carreira; não está em queda quem nunca subiu**

É, concordamos em número, gênero e grau com a opinião do mestre da Távola. A estrela de Vera sobe e ela sobe como estrela. Ela parece que tinha dentro dela um tumor longamente amadurecido. Assim como um tumor do Cosmos, da Via Láctea, e que agora estoura numa explosão de luz (como diria a nossa Tônia Carreiro). Explosão que só a maturidade e a sensibilidade conseguem amoldar exatamente, dando ao ator (atriz) a tranquilidade para transmitir aos outros as grandezas e misérias do personagem que interpreta (esta edição de O CRUZEIRO publica, em outro local, entrevista da repórter Ângela Nóbrega com Vera Fischer).

#### A QUEDA DO CHICO

Já o mesmo não se pode dizer de Francisco Cuoco. Sabe-se dele apenas que, como ator, é um ótimo chofer de caminhão. Pode ser que tenha sido um hábil comerciante nas feiras-livres de São Paulo, como apregoa com certa insistência. Naturalmente foi lá que aprendeu a ser indiferente aos problemas alheios e a sorrir quadrado. O rapaz branquelo de corpo e alma, apesar de muitos anos de teatro e televisão, ainda não conseguiu aprender a transmitir emoção nenhuma a ninguém, o que vem confirmar o sábio refrão: "banana, plantando dá: sensibilidade não". Como o samba, sensibilidade não se aprende no colégio (no máximo se aperfeiçoa). Cuoco dá a maior mão-de-obra para Régis Cardoso, o diretor da novela *Os Gigantes*; ele não possui nenhum poder de comunicação pessoal, fato que é verdadeira tragédia para qualquer cidadão que pretenda fazer carreira como ator. Cuoco repassa o texto, discute e conversa apenas com um quati empalhado, mesmo assim porque o animal assassinado faz parte do cenário da novela. Claro que, a bem da verdade, não poderemos dizer que o rapaz está em queda na sua carreira; não está em queda quem nunca subiu. Sempre a mesma cara de pedra, a mesma inflexão vocal, o mesmo gaguejar. Clichê manjado e gasto para todos os papéis que representa. E não nos esqueçamos que ele já contracenou com Mário Lago, com Paulo Gracindo e outros cobras do teatro. Teve oportunidade de sobra para aprender. E se não aprendeu não foi porque não quis. Foi, é claro, porque não pôde. Errar na profissão é coisa que acontece a muita gente boa; o Rui Porto, por exemplo, até hoje não convenceu como comentarista esportivo (como disse besteira no último Flamengo x Vasco...); da mesma forma como o Oldair José não convence como cantor. Coisas que fazem parte da tragédia individual de cada um de nós, ninguém escapa de ver por um ângulo ótico deturpado. E quando se tem

**Sempre a mesma cara de pedra, a mesma inflexão vocal, o mesmo gaguejar**



Cuoco com Dina Sfat

uma visão deturpada das coisas, a planície circundante fica flou, fora de foco, e já não se tem nenhum compromisso com a realidade.

Na verdade Francisco Cuoco não tem culpa nenhuma de possuir uma sensibilidade granítica. Dizem, também, que o rapaz é dono de uma vaidade monumental. Ai a coisa pega, porque todo mundo sabe que vaidade é sinônimo de burrice (e, geralmente, insegurança). O fato é que temos visto, mesmo na televisão, interpretações de outros atores construídas de forma tão pura, tão obediente, que parecem chegar até nós como uma unidade incorruptível. Não sabemos se a televisão no Brasil, neste nosso tempo fundamentalmente desesperado, conseguiu produzir alguém melhor do que Mário Lago, Paulo Gracindo, Fernanda Montenegro e outros, mas provavelmente, nunca, em tempo algum, produzirá alguém pior que Francisco Cuoco.

Neste mundo de violência, intolerância e incompreensão, onde as estruturas individuais vão pouco a pouco se desmoronando em direção ao nada, assistir Francisco Cuoco no horário das 8 é coisa de fazer a Cabra Vadia do Nelson Rodrigues corar de vergonha, consolada pelo Sobrenatural de Almeida. A Globo não tem culpa alguma. Como ainda não descobriu nenhum Marlon Brando, vai de Chico mesmo. Mas a Globo, recentemente considerada pelo Conselho da Academia de Artes e Ciências de Televisão dos EUA, como o maior destaque entre as televisões do mundo, já ordenou a quem de direito: "Diminuem os capítulos de *Os Gigantes* antes que a vaca vá para o brejo com corda e tudo"

# A VALOROSA ÂNGELA LEAL

## Uma grande atriz que está sempre começando

A. Accioly Netto

Quando a moça Ana Maria Rodrigues Leal, filha de Aurora Leal e do empresário Américo Leal, proprietário do Teatro Rival, na Cinelândia, optou pela advocacia, foi um espanto entre os seus familiares. Com muito talento, uma inteligência viva, bonita e elegante, tudo indicava que seu lugar era no palco. Mas ela afirmou "ser a sua vocação verdadeira", e foi até o fim, em cinco anos de estudos, chegando, depois de formada em Direito, a um encaminhamento positivo no Foro, com largas possibilidades à militância no Tribunal do Júri. Mas de súbito descobriu que não estava propriamente numa "profissão realista", mas apenas desempenhando um "papel de advogada criminal". E retrocedeu para a sua autêntica e ainda então ignorada carreira, a de atriz.

### UMA OPÇÃO CONSCIENTE

— Abandonei a advocacia, sem tomar conhecimento da crítica de "borla e capelo", e passei para o teatro começando pelo princípio, com Sérgio Brito, um mestre excepcional. Fiz televisão em *Irmãos Coragem*, ao lado de Glauce Rocha; *O Homem Que Deve Morrer*; a seguir, *Selva de Pedra*, *O Semi-Deus*, *Escrava Isaura*, *D. Xepa*, *Gabriela*, em caracterização; e *O Astro*. No teatro, que em sua substância fundamental defino como o retrato de uma época, em qualquer gênero, tomei parte em *Antígona*, de Sófocles; *Freud Explica*, de João Betencourt; *Mamãe, Papai Está Ficando Roxo*, de Oduvaldo Viana Filho; *O Corpo e o Sonho*, de Aurimar Rocha; *Para as Mulheres Que Pensam em Suicídio*; *Quando o Arco-Iris Basta*, de Ntozake Shange; e *A História é uma História*, de Millôr Fernandes, estando em preparo o *Papa Highrste*, de Oduvaldo Viana Filho, direção de Sérgio Brito (peça proibida e agora liberada). Em cinema, interpretei *O Casal*, de Daniel Filho; *Fogo Morto*, de Marcos Paulo (que me levou ao Festival de Berlim) e, agora, como co-autora, estou filmando no Teatro Municipal de Niterói *Tinha Bububu no Bobobó* — recordando o antigo teatro de revista da Praça Tiradentes — com Dercy Gonçalves, Nelia Paula e Mara Rubia.

O CRUZEIRO

Na verdade, Ângela Leal ganhou seu estrelato em *As Mulheres*, onde demonstrou todo seu potencial dramático em confronto com seis outras boas atrizes. Porém, ela ainda não se considera uma grande atriz, mas uma pessoa de arrojada disciplina, que trabalha por instinto, com muita intuição e pertinácia.

— Sou uma postulante com pretensões sérias. Não quero a realidade, mas a história e, com isso, sem falsa modéstia, acho que sou uma atriz prestes a explodir. Fora do palco acredito que viver é liberdade — o direito de fazer o que se deseja, procurando acertar, mas sem medo de errar. Viver é uma troca constante, árdua e difícil, realmente a mais fascinante das aventuras.

### A CONSCIÊNCIA DE UMA OPÇÃO

Sendo uma mulher bonita em todos os sentidos, de rosto bem modulado e plástico, possuindo um sempre aprimorado sentido de expressão corporal em harmonia consciente, Ângela Leal tem idéias próprias sobre beleza: — Como o poeta Vinicius de Moraes, concordo que no mundo moderno a beleza seja essencial (o próprio Ovídio canta a perfeição física antes do amor). É o mais eficiente dos passaportes para o sucesso da atriz que começa. Mas dura até a terceira plástica... O que é permanente é a outra beleza, que vem de dentro para fora, e se chama arte interpretativa. Por isso, para mim, o nu é irrelevante, independentemente da moral. Se necessário a uma história, é admissível, mas quando gratuito significa apenas uma apelação humilhante para despertar baixos instintos. O mesmo acontece com o palavrão, que soa justo e natural como extensão do diálogo, seja na arte como no dia-a-dia. Para fazer efeito, provocar escândalo ou humorismo, não passa de recurso primário. Diga-se o mesmo da improvisação cênica, ou "caco" — mais fácil em teatro que no cinema ou na televisão, porque geralmente nasce da intercomunicação direta com o público — só admissível quando acrescenta alguma coisa ao texto, com base na realidade.

Sendo uma criatura bafejada pela sorte, triunfante em todas as suas iniciativas, Ângela Leal considera viver uma arte difícil, porque sempre representa um momento de reintegração e reestruturação.

— Repito, cada um tem direito de viver à sua maneira. Se opta pelo tóxico, é um fracasso cavando a própria desgraça, sendo digno de piedade, mas também de compreensão de suas ocultas razões, sepultadas no inconsciente. Se de diálogo conveniente entre homem e mulher. (Ou será uma contingência anatômica de inervação erógena, como querem agora alguns neurologistas?). Conheço homossexuais perfeitamente dignos, como heterossexuais que de *Rainha dos Gays*, em sucessão à magnífica cantora que é Ângela Maria. (Há um cântico de Catulle justificando o lesbianismo: "Vivons, ma Lesbie, aimons-nous et que tous les murmures des vieillards moroses aient pour nous la valeur d'un as!")

Ângela Leal tem muitos planos. O primeiro deles é transformar o Teatro Rival, depois de uma grande reforma, em *Café Concerto Rival*, onde encenará peças musicais, dando apoio a numerosos artistas, cantores e bailarinos, para alegria do povo que tanto aprecia o gênero revista ligeira, que está desaparecido entre nós. Sabe que terá êxito, e se for imitada ficará feliz. Para terminar, essa moça valorosa, sem preconceitos, que está rapidamente atingindo o azimute de sua carreira, nos despede com um pensamento que norteia sua existência:

— Fazer sempre por acertar, sem medo de errar. Se não der certo, voltar atrás e recomeçar de novo, pois o grave e irremediável é persistir no erro.

Bravos para Ângela!

O CRUZEIRO

## TEATRO

# O ESPETÁCULO PALHAÇOS QUE VALEM OURO

A. Accioly Netto

**Sunshine Boys, Os Palhaços de Ouro** — De Neil Simon — trad. Millôr Fernandes, dir. Cláudio Correa e Castro. Com Jayme Barcelos, Older Cazarré, Ivan Candido e Ruth de Souza. Teatro Vannucci (R. Marquês de São Vicente 52 — 3º andar), Rio de Janeiro.

Grock, que foi o maior de todos os palhaços, o inglês genial que entrava no palco escorregando num tobogã para cair diante do piano onde executava, maravilhosa-mente, uma sonata de Chopin, escreveu em suas *Memórias da Verdade*: "Não adianta pintar a cara de vermelho ou de branco, ou vestir uma fantasia grotesca. O verdadeiro artista deve fazer rir, naturalmente, sem truque".

Estas frases parecem vazadas a propósito da comédia *Palhaços de Ouro*, de Neil Simon, encenada no magnífico Teatro Vannucci, quando artistas veteranos, de cara limpa, fazem o público rir, com refinado humor, que para além da fácil comicidade da chanchada mimica chaplinesca ou o exuberante *vaudeville* das situações explosivas. É a graça da alta comédia, onde só valores humanos se entrecrocavam, na sutil ironia da vida quotidiana, feita menos de claros violentos ou negros agressivos, mas de sua fusão irônica e mansa no cinzento.

A peça nos mostra o encontro de dois palhaços que trabalharam juntos, com uma paradoxal seriedade e amor à profissão. Billy (Jayme Barcelos) e Boyle (Older Cazarré) são antigos comediantes aposentados que foram dupla de sucesso, juntos no palco durante 43 anos, como se fossem "um só artista", na fase áurea do burlesco americano. A peça começa 11 anos depois que a dupla se cansou, por desencontros existenciais, marcados de ciúdes e rivalidades. Um programa de televisão, na base da nostalgia, promovido pelo sobrinho de Billy (Ivan Cândido) deflagra o conflito central da trama: o encontro desses velhos jubilados, com apenas mais um pequeno saldo de vivência. Neil Simon apresenta, aqui, uma melancólica obra poética onde, surpreendentemente, aflora o riso, justo quando as caras não se encontram mais pintadas e as vestes deixaram de ser brilhantes e espalhafatosas. E então entra em choque não só o valor intrínseco dos artistas, imbuídos do texto bem traduzido, como a habilidade do diretor que soube compreendê-lo para a transmissão aos seus comandados.

Barcelos e Cazarré, fazendo galas de seus grandes recursos artísticos, funcionam como "monstros sagrados", e esse excelente ator que é Ivan Candido, contido num louvável ato de humildade, serve de trampolim para os astros do espetáculo. O público sente bem esse entrosamento na realização, bem definida por Vladimir Banchenko: "O verdadeiro teatro começa quando o ator entra em contato íntimo com o espectador".

*Palhaços de Ouro*, em montagem discreta e funcional, conta ainda com Ruth de Souza e outros, para complementação do elenco, numa impar realização que deve ser aplaudida de pé.

**Resumo:** Uma pequena obra-prima teatral que ninguém deve perder, mesmo numa rica temporada teatral como é a presente no Rio de Janeiro.

Cotação: \* \* \* \* \*

## ENTREVISTA COM UM CARIOCA CHEIO DE PICARDIA.



DEU DE TUDO NA ENTREVISTA COM O ALEX: STEPAN NECERSSIAN, DAVID NEVES, SERGIO AUGUSTO, FERDY CARNEIRO, CARLOS IMPERIAL, JAGUAR, RICK, O DONO DA CASA, OSEAS ARGEMIRO FERREIRA... E AINDA LEVAMOS TREMENDA BRONCA DOS QUE NÃO FORAM AVISADOS...

Apesar de estarem lendo esta entrevista num calor de 35 graus, no dia em que foi feita, fazia apenas 17, e ventava bastante na casa de Ozéias. O papo, inicialmente, seria na varanda, mas com o frio — apesar de os entrevistadores estarem aquecidos internamente — passamos à sala. Começou já com bastante gente, e a roda ainda foi aumentando: durante seu transcorrer foi necessário ir-se acrescentando mais e mais cadeiras.

Sérgio Augusto — Vamos surpreender os leitores logo de cara: diga seu verdadeiro nome.

ALEX VIANY — Almiro Viviani Fialho, como está nas enciclopédias.

Jaguar — Por que Alex? Você era muito americanizado?

ALEX — Po, era colonizado pacas! Hoje, eu não mudaria este nome maravilhoso. Almiro é meio maroto, mas com Viviane Fialho eu ficaria tranquilo. Na época, eu era inteiramente colonizado, e parti para um pseudônimo baseado no nome real, sendo que Alex Viany foi um nome que teve uma aceitação familiar, até com minha mãe.

Sérgio — Pra ter pseudônimo você devia estar escrevendo, né?

ALEX — Escrevo desde cedo. Minha mãe, que era professora, dizia que eu não gostava de ditado, e sim de composição. La pras tantas, com minha mania de cinema — que também vem da mãe — mandei coisas pro concurso do Pedro Lima no Diário da Noite, um negócio como "O que pensam os fãs", onde se ganhavam entradas de cinema.

Sérgio — Sua primeira crônica foi sobre o quê?

ALEX — Uma estrela americana chamada Sylvia Sydney. Foi em outubro de 1934. Sou antigo. Nasci em 1918, em Cascadura, como Sérgio Cabral. Somos dois dos poucos cascadurenses que assumem sua cascadurice. So mudei da Zona Norte quando casei.

Jaguar — Família rica ou pobre?

ALEX — Classe média suburbana. Meu pai era médico e minha mãe professora. Fui um garoto peralta, que vivia se arrebatando todo.

Sérgio — Lembre do fato mais remoto de sua vida que tenha relação com cinema.

ALEX — É difícil...

Sérgio — Então pergunto assim: "Quando você descobriu a Sétima Arte?"

ALEX — Pra mim custou muito a ser Arte. Antes de mais nada, fui um fã. Minha mãe era maníaca por cinema. Meu pai a chamava de "Rapariga Misteriosa", o nome de um filme em série da época de seu namoro. De vez em quando ela tocava piano num cinema mudo, substituindo seu professor. Calculei que devo ter sido gerado dentro de um cinema, e minha mãe me transmitiu essa mania.

Sérgio — Alias, foi também o que aconteceu comigo.

Jaguar — Ué Sérgio, sua mãe também tocava piano?

Stepan Necerssian — Claro: por isso o caso do Sérgio com o Cinema é edi-piano. (vaia geral)

Jaguar — Pô, Stepan! "Volte três casas"! ALEX — Minha mãe era uma professora avançada pra época, fazendo questão, por

exemplo, de colocar meninos e meninas juntos na mesma carteira. Mas sua maior importância, para esta entrevista, foi ter me levado ao cinema. Ah, lembrei de um fato remoto! Lembrei agora de um dia quando eu quis ver "Voando para o Rio", e não tinha dinheiro. Fui até Piedade, cantei o porteiro de um cinema e consegui entrar.

Sérgio — Não tinha dinheiro nem pro 77?

Todos — 77? Que 77?

Sérgio (superior) — 77 era o bonde que ia até Piedade. Alex, nessa época você já fazia arquivo de cinema?

ALEX — Bom, logo que comecei a escrever, comecei também a tomar nota dos filmes que ia vendo, mas era muito precário.

Sérgio — A bibliografia na época era raríssima.

ALEX — Eu lia Cinearte. Não havia livros. Como todo o pessoal dessa geração, aprendi, vendo cinema, discutindo, saindo do cinema e conversando. Quando tentei o profissionalismo. Pedro Lima me foi de grande utilidade, me ensinando as primeiras coisinhas de como botar as palavras no papel. Logo então a Nação começou a publicar um suplemento por dia: o da mulher, o policial, o esportivo, mas o único que sobreviveu foi o juvenil, com o Aizen, que mais tarde faria a EBAL. Nessa aproximação com o jornalismo, comecei a fazer tudo, até a traduzir do inglês sem saber inglês.

Sérgio — Ah, foi você que lançou essa moda?

Stepan — Você tem idéia do que aconteceu com seus amigos de Cascadura, que iam ver os filmes com você?

ALEX — Perdi quase todos de vista. Tenho até certo medo de voltar, pois encontrei uns amigos de infância que fazem umas reuniões de turma de escola, mas acho meio soturno, meio lúgubre, essa volta, encontrando todos velhos e encarquilhados.

Jaguar — Seu melhor amigo pode ser hoje um síndico de edifício.

Sérgio — Ou até um militar.

ALEX — Bem, existe um militar nessa brincadeira.

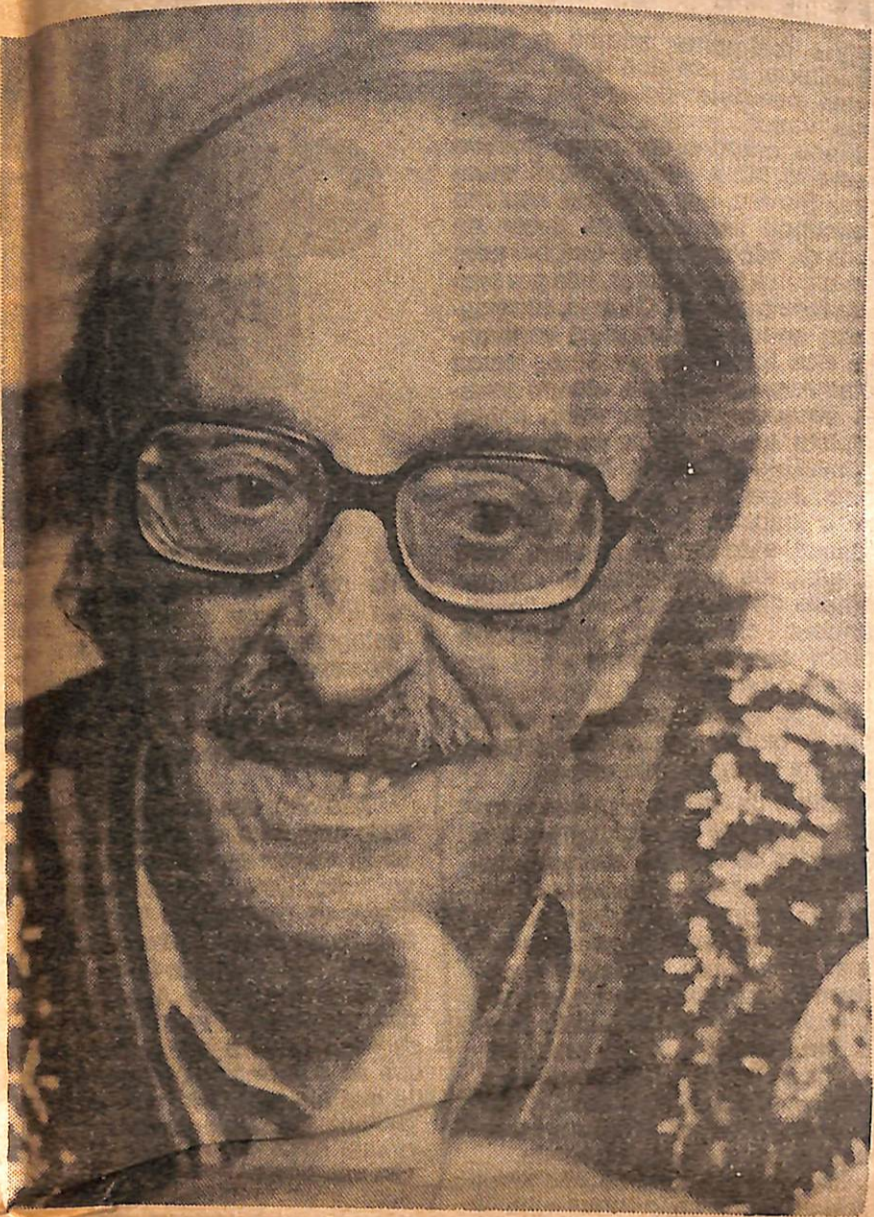
Sérgio — É aquele Sílvio, né? Sílvio... (faz um esforço de memória). Sílvio Frota!

ALEX — Não, é da Marinha. Sei disso porque vários amigos meus que foram interrogados no Cenimar encontraram meu retrato debaixo do vidro da mesa desse cavalheiro. Vários destes amigos de infância foram pra polícia, outros foram ser funcionários públicos, mas havia boa gente no meio. Salomão Meireles — que virou médico — era tão vidrado quanto eu no W. C. Fields.

Jaguar — É estranho, porque W. C. Fields tem um humor sofisticado.

ALEX — Um humor negro, né, que até hoje é avançado. Agora vou esnobar: quando vi uma retrospectiva do W. C. Fields em Berlim, fiquei besta de como eu, um garoto, podia gostar daquilo.

Sérgio — Mesmo porque ele tinha ódio de crianças. Perguntaram pra ele se não gostava de crianças e ele disse que sim: "Em churrasco"



ALEX — Salomão e eu decorávamos os diálogos dos filmes dele, e em inglês. (imita): "Unfit outside for man or beast"! Isso é de um curta em que ele faz um polícia montada, cujo filho foi preso por desonrar a família, dando um grande desfalque. Quando o filho sai da cadeia, a mãe chega: "Meu filho..." E ele: "Não, mãe, realmente não fiz nada". Chega o pai e pergunta também se é verdade que roubou o negócio, e ele diz que não roubou. Então o pai bota o filho pra fora na mesma hora: "Você ficou esse tempo todo na cadeia e não roubou? Ponha-se daqui pra fora"! Cada vez que abria a porta, vinha um monte de neve na cara. Ai ele dizia: "Unfit outside for man or beast", o tempo lá fora não tá pra homem ou fera.

Jaguar — Que nem hoje lá na varanda desta casa.

Sérgio — W. C. Fields bebia muito, e um dia resolveram fazer uma sacanagem com ele, porque descobriram que ele guardava gin no oco de sua bengala, dizendo que era um suco. Os patrulheiros alcoólicos resolveram botar suco de abacaxi no lugar do gin, e quando ele foi tomar o negócio, ai PRRRRUMF! (esborrafa tudo). "Quem botou suco de abacaxi no meu suco de abacaxi!"

Ricky (retomando os fios) — Isso tudo foi um rodeio pra chegar até a ida do Alex pra Hollywood.

Imperial — Foi pra ver como ele recebeu a passagem.

ALEX — Eu já falava inglês muito bem. Além da facilidade em aprender, ia constantemente ao cinema. Fiz várias entrevistas em inglês, como quando Disney esteve aqui, como quando Orson Welles esteve aqui... depois de um certo momento, passei a entrevistar todo cara que chegava aqui.

Jaguar — Disney era bicha mesmo?

ALEX — Não sei, é o que estão dizendo agora.

Stepan — Ele não segurou no seu mickey?

ALEX — Há uns sete ou oito anos, fazendo uma matéria pro JB, ampliei algumas fotografias de quando Orson Welles estava aqui, e de repente aparece meu irmão lá no meio! Foi um lance de "Blow-

Up". Não me lembrava de ter ido na chegada de Orson Welles, mas se meu irmão estava, eu também estava. Portanto, eu fui à chegada de Orson Welles, junto com Adhemar Gonzaga, Almirante, e outros caras! Depois trabalhei com ele, que veio fazer um trabalho de coordenador de assuntos americanos.

Sérgio — Para o Consel of Inter-American Affairs, do Rockefeller.

ALEX — Ele fazia programas de rádio sobre o Brasil e eu fazia uma parte de pesquisa, com assuntos que nem o café, os jangadeiros... (ufanista) já ganhei dinheiro do Nelson Rockefeller!

Imperial — Tá explicado o negócio da passagem!

ALEX — Estive muito com Orson Welles, mas não acompanhei todas suas filmagens. Me lembro de uma que ele fez em Quintino, de outra na Avenida Rio Branco... não sei porquê, ele gostou muito daquele coreto em Quintino.

Sérgio — A escola de samba que aparece nos seus filmes é a Unidos da Tijuca.

Stepan — Fale sobre o episódio Orson-Otelo, que as patrulhas alcoólicas dizem ser mentira.

ALEX — Mas é verdade. Vão ficar dizendo isso pelo fato de Orson Welles tomar porre? Quem não toma porre?

Jaguar (engrolando) — Eu não!

ALEX — No fundo, o negócio era político, pois no momento em que o Estado Novo descobriu que Orson Welles era um homem politizado... Ele veio aqui contra sua vontade, e só se interessou pela coisa quando descobriu o samba e o morro.

Sérgio — Lembra da campanha sobre a morte do Jacaré, um jangadeiro que morreu durante as filmagens, coisa com a qual Orson Welles não teve nada que ver?

Sérgio — O engraxado é que esse projeto foi bolado pelo Rockefeller, que tinha ações da RKO, e era diretor-presidente da Counsel of Inter-American Affairs. Haviãam feito "Down Argentina Way" — "Serenata Tropical" — com Carmen Miranda, que é uma vergonha: numa buate da Argentina tá anunciando "The Brazilian Sensation". Os argentinos ficaram putos quando este filme passou lá, e houve vários quebra-quebras. Rockefeller

# ALEX VIANNY - Nunca fui pra cama com as estrelas dos meus filmes.

## PASQUIM - Então por que você fez cinema, pô?

ler, temeroso com o rumo que a política da boa vizinhança tava tomando, com filmes bem folclóricos e vagabundos, resolveu financiar uma coisa séria. Ai é que nasceu o projeto de mandar Orson Welles pra fazer um filme na América Latina.

Argemiro — Isso fazia parte do "esforço de guerra".

Sérgio — Sim, o Brasil tava sendo pressionado pelo Roosevelt pra declarar guerra ao Eixo.

Ferdy Carneiro — Só que Orson Welles saiu da trilha, o filme não foi terminado, e os originais desapareceram.

ALEX — Até na Baía de Guanabara jogaram estes originais! Dick Wilson, principal assessor de Orson Welles, disse que a sabotagem era dupla: do Departamento de Propaganda, o DIP, que vigiava Orson Welles constantemente, e do cara da RKO, um reacionário FDP. Há coisas que jamais seguiram para os Estados Unidos, que nem saíram do Brasil. Não é à toa que de repente aparecem cenas do filme lá com Primo Carbonari, em São Paulo. Quem descobriu isso foi Rogério Sganzerla, que tá fazendo um filme sobre a passagem de Orson Welles no Brasil.

Stepan — Com relação às cenas do Grande Otelo, havia o fato dele ser um autor "problemático", que até hoje é discriminado, com relação ao seu trabalho na Globo etc. Por causa dos porres do Grande Otelo, das coisas que ele fazia, as companhias americanas pressentiram que não seria legal colocá-lo no filme porque poderia criar problemas de direitos autorais, com Otelo exigindo nome no cartaz, e tal.

ALEX — Sabe que Herivelto Martins trabalhou nessa fita como uma espécie de diretor de produção? E a criança que se perde na multidão é o Peri Ribeiro! Peri só se lembra do cheiro de uísque e charuto do Orson Welles.

Stepan (voltando ao assunto) — Por que você queria ir para Hollywood?

ALEX — Era a minha meca. Eu queria ver como era, poder escrever a respeito, mas tudo na base de fã. Eu trabalhava no O Cruzeiro, mas essa revista não quis pagar minha passagem. Se vocês querem saber como é que eu fui, imaginem como consegui minha passagem.

Sérgio — Com a Anistia Internacional.

Argemiro — Com rublos de Moscou.

Stepan — Com a Condessa Pereira Carneiro.

ALEX — Não, peguei emprestado com uma irmã de minha ex-sogra, e devolvi esse dinheiro de lá, depois que comecei a mandar matérias. Fomos, eu e minha esposa, num navio argentino, justamente quando a Argentina havia declarado guerra ao Eixo. Antes de partir, o navio passou alguns dias no Rio sendo camuflado, e a viagem foi toda feita em total escuridão. No Mar das Caraíbas, apareceu um submarino alemão, mas felizmente chegaram os mocinhos americanos, com toda a Sétima Cavalaria pra nos salvar, e de repente o mar ficou cheio de lanchas-torpedeiras por todo lado, jogando jatos de luz.

Davi — Ai vocês viram que era uma filmagem de John Huston.

ALEX — Desci em Nova Orleans justamente no término da guerra na Europa, e

houve um carnaval incrível. Nessa viagem, apesar de ter ido inteiramente colonizado...

Sérgio (imitando a Carmem) — "Disseram que voltei colonizado".

ALEX (ignorando a reles imitação) — Nessa viagem já comecei a ter os primeiros choques, vendo que mictório de crioulo era separado, essas coisas. Ah, outra maneira que aprendi inglês foi com minha mania de correspondência. Escrevia para todo mundo. Cheguei a ter mais de cem correspondentes, do mundo todo.

Sérgio — "Gosto de cinema, coleciono flâmulas..."

ALEX — Minha mania era mapas. Não sei onde esses mapas foram parar, aliás, perdi várias coleções de coisas na vida. Nesse negócio das cartas houve várias ameaças de namoro: uma menina do Chile... e uma da Tasmânia... coisas assim. Me lembrei dessas cartas por causa de um dos meus correspondentes. Eu mandava mil coisas pra ele, mas ele era todo cheio de coisas, até que um dia escreveu dizendo: "Sei que não vai mais escrever pra mim, mas tenho que lhe revelar algo".

Sérgio — "Meu nome verdadeiro é Clark Kent."

ALEX — Não, a revelação dele era simplesmente que era um crioulo. Quando esse cara voltou da guerra, eu já morava em Hollywood há algum tempo, e o encontrei lá. Era amigo da Harriet McDaniel, a primeira crioula premiada pela Academia.

Sérgio — Pelo seu trabalho em "E o Vento Levou" (começa a fazer uma imitação mas é impedido bruscamente pelo Jaguar)

ALEX — Então ele me convidou pra irmos numa festa na casa dela, com toda aquela burguesia crioula, banqueiros crioulos, mulheres maravilhosas, pessoas que lá assumiram a raça, mas que aqui seriam brancas.

Jaguar — Seriam como Theresa Souza Campos, o Ziraldo...

ALEX — Como nós todos aqui. Depois da festa, já de manhã, ela foi me levar em casa, com um cara chamado Booker Washington. Eu disse: "Vamos entrar, vamos tomar um café", mas não houve jeito: "Se entrarmos aí, logo os vizinhos estarão reclamando que você recebe pretos em sua casa, e é bom não criar caso".

Davi — Em 72 — 26 anos depois — Alex me pediu, quando fui aos EUA: "Passe na Highland Avenue, 2021, perto do Hollywood Mall, e veja se ainda tem uma casa assim e assim..." Quando cheguei lá, encontrei uma casa de todo tamanho, deserta, com a porta batendo.

Sérgio — E passava aqueles tumbleweeds. E o vento: FUUUU!

ALEX — Não sei como, mas tinha resistido à devastação do sérgio dourado local. (pausa) O episódio da Harriet Mc Daniels foi um de muitos choques. Vi que os latino-americanos também eram muito discriminados. Mexicanos, brasileiros, bastava ser latino-americano pra ser discriminado. Crioulo sul-americano, então, era foda! Houve um momento em que esses choques baixaram de vez, e veio uma desilusão total, um negócio de perder a virgindade, o cabaço que me restava de americano. Parei. Durante muito tempo fiquei inuti-

lizado pra escrever. Vivia atirado no sofá, ninguém entendia muito, nem a Elza. Consegui sair disso através de uma procura de saber o porquê das coisas, porque eu havia sido enganado, começando a estudar, frequentando uma porrada de cursos, conhecendo alguns amigos que foram importantes pra mim, sendo que o principal foi Hans Winge, que tinha sido assistente do Brecht em Berlim, e era correspondente de jornais europeus, além de trabalhar na Metro na montagem de trilhas sonoras. Ele me apresentou a um monte daqueles alemães de esquerda, e inclusive um dia escapei de conhecer o Brecht por poucos minutos, porque cheguei atrasado.

Stepan — Quer dizer que do Brecht você ficou distanciada? (todos se levantam pra dar um pau no Stepan). Pô, Alex e o Sérgio ficam fazendo concurso aí de "Quem sabe mais: o Homem ou a Mulher?", e vocês não fazem nada!

ALEX — Entre a supergranfinagem da Califórnia, era moda convidar os intelectuais europeus exilados. Um dia, houve uma festa numa daquelas casas maravilhosas à beira do Lago Tahoe, e à qual convidaram vários destes intelectuais, mas Brecht tardava. Winge, que já havia chegado, estava olhando para o lago, com uma mulher da casa, muito graciosa, do seu lado. De repente veio uma lancha, na qual Winge reconheceu Brecht, e avisou: "Nosso homem finalmente chegou"! Ai Brecht desceu da lancha vestido num macacão, o que naquela época não era muito comum, e a mulher então exclamou: "Mas o senhor não me disse que ele era comunista"! Conheci não só exilados alemães, como vários outros europeus, como Darius Milhaud, o famoso músico francês.

Jaguar — Não só o Milhaud como o Millôr.

ALEX — É, lá pras tantas apareceu o Millôr. Outro cara importante lá foi o Vinícius de Moraes, que era vice-cônsul. Vinícius é vidrado em cinema, aliás, ele é cinema. Sua grande frustração é não ter feito cinema. Vinícius tava na fossa, tinha brigado com a Tati, e ficava horas no telefone querendo convencê-la a ir pra lá. Tati resistia, mas finalmente ele a convenceu, e ela foi pra lá, com Pedrinho e Susana. Tudo bem, ai ficou feliz. Mas antes disso, teve um dia em que tomou um porre maior, mas não queria dormir lá em casa, e cismou de voltar pra casa dele. Eu falei pra não ir pra casa sozinho, mas ele foi, só que tinha esquecido da chave, tentou entrar pela janela, se arrebentou todo, e foi parar no pronto-socorro. Isso saiu até nos jornais.

Stepan — Atrapalhou a sua carreira?

ALEX — Não deve ter atrapalhado muito. Quase todos os vice-cônsules são bêbados, né.

Jaguar — E a Carmen Miranda?

ALEX — Carmen era um mistério pra mim, apesar de ter frequentado sua casa quase que diariamente. Sua casa em Hollywood era o consulado do Brasil. Pensei que eu a conhecesse, mas, anos depois, quando comecei a olhar pra trás e ver o que tinha acontecido com ela, não sabia porque havia acontecido. Quando ela voltou ao Brasil, bastante doente, fiz uma reportagem grande pra Manchete, levan-

tando dados com Aurora Miranda, com Aloísio de Oliveira, com seu médico, e fui jogando umas coisas contra as outras. Infelizmente, a Tati não estava no Brasil, pois talvez tenha sido a mulher com quem Carmen mais se abriu.

Ferdy — Este é que seria seu grande filme! O problema seria achar um intérprete. Ricky — Chamem o Caetano

ALEX — Ninguém quer fazer a Carmen que eu quero fazer, preferem o negócio falsificado. Ela era uma mulher instintiva, catolicíssima, que no princípio da década de 30 partiu para aquilo que Marques Rebelo não entendeu em "A Estrela Sobe".

Sérgio — E Bruno Barreto menos ainda.

ALEX — Ele simplesmente tomou o negócio da mulher carreirista, que faz qualquer negócio pra subir. Não era o caso. Tati observou algo muito legítimo: Carmen quase que foi empurrada.

Sérgio — Houve uma alta dose de manipulação nessa história toda.

ALEX — Houve muita manipulação! Sempre!

Jaguar — E David Sebastian?

ALEX — Não tinha nada que ver. Foi um negócio incompreensível. Na verdade, ninguém topou a barra da Carmen. Não teve um homem que fosse realmente homem pra ela. Ninguém chegou pra ela pra dizer que estava sendo usada como imagem, a coisa mais óbvia do mundo.

Sérgio — Todos queriam bajular

ALEX — Começaram a achar que era engraçadinho... Ver os seus filmes, como tô vendo agora lá na Globo, na moviola, é terrível, pois a partir do primeiro filme passou a ser caricatura de si própria, e é uma merda. Não há um filme dela que seja sequer assistível, é um negócio de uma qualidade infima, de dar pena. De repente tive de parar, porque fiquei puto da vida, me deu uma depressão em relação a ela, PQP!

Sérgio — A história da sua demissão da Fox é verdadeira? Segundo consta, um fotógrafo que trabalhava num set de filmagem da Fox, tirara uma foto dela dançando e esta foto, ao ser revelada, mostrava que ela não usava calcinha. Aparecia tudo. Ai isso deu um bolo...

ALEX — Não sei se ela não usava calcinha. Neste dia, não usou calcinha, e um fotógrafo sacana pegou essa fotografia e a espalhou. Não sei até que ponto isso a prejudicou.

Sérgio — Gastei um dinheirão pra comprar o Hollywood Babylone não tinha essa foto!

ALEX — Coisa muito mais grave foi o seu nariz. Ai é que a coisa começa a pegar fogo. Ela considerava seu nariz como grande, tinha cisma com o nariz. Lá pras tantas, influenciada pela moda dos narizes da época, quando as estrelas tinham narizes arrebitados, cismou de fazer operação no nariz. Todo mundo deu o contra, menos o pessoal do estúdio, de quem acabou indo na onda. Aloísio foi contra, Aurora foi contra, a mãe dela foi contra, mas ela foi fazer essa operação com um cara da Califórnia que era considerado um matão, mas que o estúdio havia recomendado. Era o homem do estúdio. E ela fez uma operação que foi um desastre total. O nariz dela ficou uma merda, a sua cuca nunca mais funcionou, e por dentro ela apodreceu.

Argemiro — O público sabia disso?

ALEX — Alguma coisa deve ter saído nos jornais. Não tenho certeza porque à essa altura eu estava no Brasil. Este cara de Saint Louis disse que não dava pra fazer o nariz original porque não havia mais como, mas tomou o nariz da Aurora como modelo, e fez um novo nariz pra Carmen, que, enquanto isso, ficou quase morrendo. Em certo momento chegou a entrar em tratamento de choque, começando a pirar.

Argemiro — Tomava bolinha?

ALEX — A partir daí sim, quando a coisa passou a sempre piorar. Não conseguia dormir. Isso foi afetando o coração. Virou exatamente o robô tipo Judy Garland, tipo Marilyn Monroe, tipo tantas outras, lá e aqui. Perdeu-se todo o talento que ela tinha, que às vezes, em casa, revelava pra nós, quando de repente cantava uma coisa. Era uma grande intérprete e uma excelente imitadora. Foi uma comediante que se perdeu. Imitava todo mundo, e isso nunca foi usado no cinema.

Sérgio — Sugaram dela apenas aquilo que queriam.

ALEX — Num determinado momento,

virou um estereótipo, uma caricatura da caricatura.

Stepan — Alex, o que te levou a sair da posição do cara que critica pro cara que arrisca?

ALEX — Meu negócio era cinema, que era minha vida, minha paixão, mas sempre na base do fanatismo. Sabe que é difícil lembrar de quando passei a fazer cinema? Stepan — Foi resultado de sua decepção com Hollywood?

ALEX — Não, foi quando percebi que todas minhas noções de crítica cinematográfica eram desordenadas. Em Hollywood fiz vários cursos, inclusive numa escola onde depois todos meus professores como Dalton Trumbo, iriam em cana, pois eram ligados ao Sindicato de Escritores.

Argemiro — Foram cassados pelo macartismo.

ALEX — Isso me ajudou a arrumar as idéias.

Imperial — Muitos críticos passaram a fazer cinema porque viram que como diretor, tinham direito a comer as estrelas.

ALEX — Não foi o caso. Feliz ou infelizmente, nunca comi uma estrela dos meus filmes.

Sérgio — Ele prefere coadjuvante.

ALEX — No meu primeiro filme, "Aguilha no Palheiro", as estrelas foram Fada Santoro e Dóris Monteiro. Não comi. No segundo "Rua sem Sol", foi novamente a

Noiva da Cidade", cuja estrela foi Elke Maravilha, que, pelo contrário, tornou-se minha mãe.

Jaguar — Então por que você fez cinema, pô?

ALEX — Pois é... como crítico, a coisa poderia ser diferente. Mas eu sou muito crítico em relação a minha crítica.

Argemiro — Depois que você voltou pro Brasil, a crítica cinematográfica brasileira dividiu-se em dois pólos: de um lado, Alex Viany de outro Moniz Viana.

ALEX — Sempre estivemos em lados opostos. Nossa aproximação foi falsa, porque o fato de eu ter estado em Hollywood enganou muita gente, que achava que eu era americanófilo. Muitos tinham inveja de mim por ter tido o "privilégio" de passar uns tempos em Hollywood. Por isso, houve uma aproximação, mas eu gozava essa turma e tempo todo. Rubem Biáfora, por exemplo, era um americanófilo doente. Ainda que Moniz Viana viesse constantemente na minha casa, era um relacionamento gozativo. Fizemos porém o Centro de Estudos Cinematográficos, reunindo quase todos os críticos do Rio.

Sérgio — E a revista Filme, que só saiu dois números.

ALEX — Isso foi em 49, 50, junto com Vinicius de Moraes.

Argemiro — Como aconteceu a cisão entre vocês?

mos brigado antes. Foi um momento de radicalização. Mesmo quando eu estava deixando de ser radical, os outros estavam se radicalizando. Nesse debate do MEC houve uma provocação do Vanjafa, que assumiu posições do Moniz Viana. Paulo Francis teve mais sorte do que eu, porque conseguiu chegar às vias de fato com ele. Há certas inimizades que faço condições de preservar, e uma dessas é a de Moniz Viana. Com Rubem Biáfora meu relacionamento é mais estranho. O fato de ter estado em Hollywood o impressionou muito. No tempo em que eu estava no Jornal do Brasil, ele ligava de São Paulo e ficava uma hora no telefone, num papo sobre coisas de Hollywood, e eu precisando trabalhar. Realmente, prefiro quando ele não está de bem comigo. Cai na asneira de dizer pra Betina fazer mesmo a fita com ele... como é mesmo o nome da fita?

Sérgio (sacando) — "O Palhaço dos Anjos".

Davi (chutando) — "A Casa dos Mistérios".

Ferdy (arrematando) — "Madrugada de Circo".

Jaguar (continuando a encher o saco do Biáfora) — "O Oitavo Selo".

ALEX — A direção dele era assim: chegava pra Betina e dizia: "Agora quero que você faça como a Bette Davis naquela fita assim-assim... Quero que você faça como Merle Oberon na fita tal-tal..." A Betina protestava: "Nunca vi essa fita! Não sei quem é essa mulher!" Saiu uma salada estranha, mas tranquilizei a Betina: "Não se incomode que Ely Azeredo vai dar quatro estrelas". Não deu outra.

Stepan — (antes de sair, deixa uma última pergunta) A cada dia que você fica mais maduro, fica mais criança e mais identificado com as incertezas e dúvidas que todos temos. Você nunca foi um caga-regra. Te conheci na iminência de virar rípi. Conte, então, como foi para o Partido Comunista Brasileiro e quais eram as possibilidades de trânsito de um artista livre, aberto e independente, como você, naquela organização fechada?

ALEX — Olha, o único partido a que pertenci, durante um breve período, foi o PSD. Fui candidato a vereador, mas quando vi meu nome junto com o do Marechal Mendes de Moraes, fui lá e dei o meu esporro! Antes, eu havia adquirido uma doutrina exótica chamada catolicismo, que me deu uma revolta muito grande, mas não me causou nenhum problema. Minha mãe era uma católica tipo João XXIII. Choque maior foi lá nos Estados Unidos, quando levei a porrada violenta de ver o engodo em que acreditava.

Sérgio — Hoje, você anda iludido é com a Lapônia.

ALEX — Ando iludido também com o Afeganistão, mas pra lá eu não quero ir. Como eu disse, por instinto sempre estive do lado que hoje acho certo. Na Guerra da Espanha, por exemplo, torcia contra o Franco. Isso se aplicava até às minorias sexuais. Lembro-me de uma vez quando estava com minha patota em Cascadura, e vimos dois guardas descendo o pau num cara. Fomos ver o que era, e tavam baten-

do apenas porque era um viado. Então tomamos o partido do coitado, e aí o guarda soltou o cara, que se mandou. Mas isso foi só pra ilustrar minha opinião sobre os pobres e oprimidos. Em Hollywood, quando fazia cursos pra descobrir porque havia caído no engodo, comecei a ler a imprensa americana de esquerda, como o Daily Worker, The Nation, o PM.

Sérgio — Onde trabalhava I. F. Stone, o maior jornalista do mundo.

ALEX — Lia livros também, e fiz um curso de História dos EUA que — embora eu não soubesse — era do Partido Comunista Americano. Este curso tinha um pessoal muito bom, e me foi muito útil. Também foram decisivos nisso o Winge e um professor espanhol que era amigo do Buñuel, que nessa época estava lá. Esse professor me fez desconfiar muito das palavras, tanto que estava preparadíssimo quando apareceram nossos lingüistas e estruturalistas. Naquela época, então dei uma virada. Houve um momento em que tinha muito ódio dos EUA. Até chegar a um certo equilíbrio foi muito difícil. Quando sai de lá, em 48, era o princípio do macartismo. Ouvi pelo rádio os primeiros depoimentos em Washington, quando houve várias surpresas de pessoas que haviam caguetado.

Sérgio — Como Eduardo Dmytryck, que acabou cedendo.

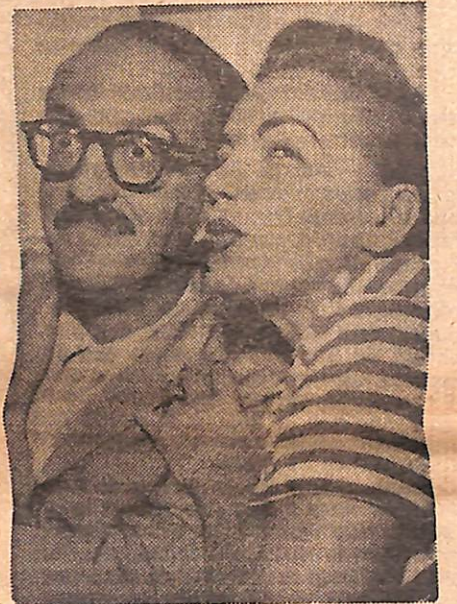
ALEX — Mas é difícil de julgar. O único cara que poderia ter tomado uma posição,



ALEX LEVAVA JEITO DE SER UM DOS IRMÃOS MARX. OLHA SÓ, SEGURANDO A FERNA DO HARPO.

Dóris Monteiro, e Glauce Rocha, que realmente bagunçou meu corêto, mas não comi. Quando fiz "Sol Sobre a Lama", também não comi as estrelas. Agora fiz "A

ALEX — Houve um rompimento, devido a uma provação ocorrida no Ministério da Educação e Cultura. Não me lembro exatamente como foi essa briga, mas já havia-



COM CARMEM MIRANDA, AINDA DANDO UMA DE GROUCHO MARX.

porque tinha condições pra isso, era Elia Kazan. Por isso é que Joseph Losey até hoje não o perdoa.

Sérgio — Zero Mostel encontrou Kazan numa festa e o cumprimentou:

## GOODYEAR apresenta Lugares in-comuns (71)





na Embrafilme. A primeira coisa que deveria ter feito seria descer naquele inferno kafkiano. A Embrafilme é um negócio de enlouquecer e qualquer pessoa que tenha trabalhado com ela sabe disso. Você tem que esperar meses, anos, até morrer sem fazer seu filme, como foi o caso de Olney São Paulo que apresentou uma proposta sobre a Revolta dos Alfaiates, que não foi considerado um bom assunto. Ele, então, trocou por outro projeto, mas acabou morrendo antes que fosse feito. Dei apenas um exemplo, pois muitos têm morrido pelo caminho sem fazerem o que queriam, como Moacir Fenelon, ou Nelson Schultz, que mal conseguiu terminar "Sempre Resta uma Esperança", e para isso teve de passar fome. O cinema brasileiro é dureza. Pode tá muito bem pruma minoria como Luis Carlos Barreto.

Jaguar — Carlos Imperial...  
Imperial — Tenho produzido alguns filmes de sucesso, principalmente o "Sábado Alucinante" sobre o modismo da discoteca, e estava pronto para produzir um outro filme, quando fui a São Paulo e vi filas e mais filas em frente aos cinemas que exibiam "Mulher Mulher" filme que está fazendo o maior sucesso por causa de uma cena em que um cavalo lambe a mulher. Liguei imediatamente para meu diretor de produção: "Pare tudo!"  
Jaguar — "Contrate um tamanduá!"

Imperial — Porque eu tava fazendo um filme musical, bonitinho, cheio de canções, com um surfista que anda de asa voadora, com alguma coisinha de sacanagem, mas ai sento num cinema e vejo um cavalo lambe uma mulher! Agora estamos partindo pra "As Anotações do Marquês de Sade". Nos jornais de São Paulo há páginas e páginas anunciando mulheres peladas — quanto mais, melhor — filmes altamente eróticos. Diante disto, como você vê "A Noiva da Cidade"?

ALEX — É uma fita quase que inocente.  
Sergio — É um filme caipira, que recupera a roça.

ALEX — Vai parecer como uma volta a um mundo que já desapareceu. Sua atualidade está nisso. Eu diria que é um filme quase inocente, mas não é inocente, como Humberto Mauro também não é inocente. O caipira é muito sacana. O filme, por exemplo, tem uma trepada com o vento. Eu acho que o sexo é uma coisa muito bonita, e a posição do filme é essa. Não tenho obrigação de fazer um filme erótico como os outros.

Davi — Imperial, só porque a abertura veio não é preciso fazer filmes iguais a "Mulher, Mulher".

Argemiro — Me parece que o Imperial quis colocar um problema comercial de distribuição do filme. Um distribuidor não vai querer trocar o cavalo pelo vento.

ALEX — Esse filme tem um certo ar de magia, mas é claro que não vai exercer essa magia sobre o espectador que fica na fila pra ver cavalo lambendo mulher. Agora, não sei como fazer o filme chegar às pessoas que vão gostar dele. Sei que elas existem, mas vou precisar de muita ajuda dos meus companheiros, do pessoal da imprensa, da Eike, etc. Para isso elaboramos o "mapa das Minas": antes de Rio e São Paulo, o lançamento foi feito em Minas Gerais, em cidades como Cataguazes — onde foram filmados algumas cenas — e inúmeras cidades mineiras (Imperial avisa que tem que sair). Antes do Imperial partir, quero registrar uma coisa. Quando o escolhi pra fazer o papel de delegado ecólogo e professor de catecismo, ninguém entendeu, mas felizmente Humberto Mauro — que teria feito o papel se tivesse saúde — não só entendeu como adorou o Imperial. Eu sabia o que estava fazendo.

Davi — Imperial é o melhor ator do filme! Tem um desafio bíblico com Jorge Gomes que é extraordinário!

Ferdy — Pô Imperial, não fica bem você chorar.

Imperial (emocionado) — Reconheço que ultimamente não tenho feito muitas coisas gratificantes, mas, realmente, ter feito "O Sítio do Picapau Amarelo", do Geraldo Sarno, e "A Noiva da Cidade", foi maravilhoso. Esta fita marca também a estréia da minha cachorrinha, a Fresca. Alex disse pra ela como é que era, e ela representou direitinho.

ALEX — Durante grande parte da fita eu tava numa ruim, e esse cara — que muitos consideram isso e aquilo — sacou que eu tava lá embaixo, e me levou pra assistir — literalmente — seu filme de sacanagem.

Imperial — Alex Viany constou no letreiro do filme como "consultor técnico".

Jaguar — Como é que você se sente dentro dessa constelação de diretores talentosíssimos, que dão entrevistas maravilhosas?

ALEX — Como estive por muito tempo do outro lado, fazendo jornalismo, já gravei inúmeras entrevistas com eles. Uma coisa que me impressiona, e me apavora, é que quase todos consideram seus filmes como obras marcantes, decisivas, revolucionárias, isto e aquilo.

Sergio — Tudo através de teorias mirabolantes.

ALEX — Não existe modéstia em "A Noiva da Cidade", que talvez seja atrevida, pelo fato de tentar fazer o filme que o maior cineasta brasileiro não fez. O próprio Glauber Rocha considera Humberto Mauro como o maior cineasta brasileiro. Sei que posso me arrebeitar nesse processo, mas quando estava naquela situação da minha vida, achei que era isto que devia fazer, pois era algo mais importante do que qualquer coisa pessoal, embora tenha resultado num filme pessoal. Todas as fitas que fiz foram experiências boas, mas "Aguilha no Palheiro" e "A Noiva da Cidade" foram fitas muito pessoais, nas quais me envolvi mais. "Aguilha no Palheiro" é meu primeiro filme, feito em 52, e no qual Nelson Pereira dos Santos foi meu assistente. Sou culpado pela vinda de Nelson Pereira dos Santos ao Rio de Janeiro, e sou culpado também por Gláuber Rocha não ter se matado. Segundo um depoimento dele, com um papo meu consegui levantar sua moral, embora eu nem tivesse percebido que tava nessa.

Jaguar — Bom, ninguém é perfeito.

Argemiro — Fale mais de "Aguilha no Palheiro".

ALEX — Foi um filme muito discutido com Nelson e o pessoal daquele momento, pois estávamos empenhados numa coisa, mas não é uma obra coletiva, pois foi feita dentro da minha experiência do momento, com minha primeira filha, a Betina, que hoje tá no cinema. Tem muito que ver também com o ambiente do Brasil naquele momento. Eu fazia questão de filmar em Cascadura, pra ser um filme suburbano, mas por questão de economia o bonde foi o de Aguas Férreas.

Argemiro — E agora, fale de "Rua Sem Sol".

ALEX — Neste filme, entrei mais pra tampar buraco. Era uma história terrível, lacrimosa, de um roteirista mexicano. Tentei consertar isso, mas saiu um filme todo remendado. Mário del Rey dirigiu as cenas em que a Glauber Rocha estava presa numa delegacia, esperando ser interrogada. Todo o resto estava amarrado a isto, e me amarrou também. No que eu inventava não podia me desprender do que já estava filmado. A pobre da Glauber, que tava traumatizada com sua separação do Milton Moraes, seu primeiro marido, ainda sofria minhas tripudicações, pois eu inventava que iríamos fazer cenas terríveis, quando não seria nada daquilo. Espalhei as filmagens pelo Rio inteiro, até pra Niterói, nas barcas, no Saco de São Francisco, e em muitos lugares que desde então foram derrubados, principalmente na Lapa e na Praça XV. Sou culpado, mais uma vez, por este ter sido o primeiro filme do Massaini como produtor.

Jaguar — Você faria tudo isso de novo?

ALEX — Certamente que não. Se fizesse, procuraria fazer tudo com muito mais intensidade. Acho o arrependimento um sentimento terrível, mas me arrependo de ter parado tanto tempo, de ter me afastado do cinema durante tanto tempo.

Jaguar — Mas você nunca esteve afastado.

ALEX — Da prática de cinema, sim. Fiquei fazendo jornalismo.

Davi — Pra ser diretor no Brasil você não pode parar, pois é algo fulltime, insistindo o tempo todo.

ALEX — E como sou apaixonado por tudo em cinema, algo que me fascina, fico fazendo pesquisa de cinema, principalmente de cinema brasileiro, que fico pesquisando o tempo inteiro. Agora, por exemplo, vou fazer, pra Embrafilme, um registro gravado e filmado de uma porção de gente. Tenho uma porção de programas pela frente.

Jaguar — Então vamos parar com essas entrevistas e passar ao trabalho!

ALEX (levantando da mesa) — Agora, realmente me arrependo de ter parado de fazer filmes!

O PROCESSO DE DEMOCRATIZAÇÃO DO PAÍS EMPREENDIDO PELO GOVERNO FIGUEIREDO JÁ TOMA CONTOURNOS MAIS DEFINIDOS.



DENTRO DO PROJETO DE UMA ABERTURA LENTA E GRADUAL, JÁ FOI DEFINIDA PELO PRESIDENTE ATÉ MESMO A ÉPOCA EM QUE HAVERÁ ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS DE FORMA DIRETA.

É MESMO? QUANDO SERÃO?



NUNCA!

PÔ! VAI SER LENTO E GRADUAL ASSIM LA' NA...



SIM! MAS PROMESSAS NÃO BASTAM! EU FAÇO PARTE DE UM SETOR DA OPOSIÇÃO RESPONSÁVEL PORÉM ATUANTE, E NÓS NÃO NOS DEIXAREMOS ILUDIR!



"NUNCA", DISSE O PRESIDENTE. ESTÁ BEM, DIZEMOS NÓS, MAS NEM UM MINUTO A MAIS E NEM UM MINUTO A MENOS!!

EU SINTO UMA FORÇA ESTRANHA...

EXÉRCITO? MARINHA?

NO AR...

AERONÁUTICA?



REINALDO

17/11/79

4/TRIBUNA DA IMPRENSA

# Preto no Branco

Tenho algumas dúvidas crônicas. Mas elas são mutantes e caminham em ausência de raízes. Em certos momentos, principalmente nos feriados de minha alma elas me olham nos olhos e diz vagamente: Este homem não tem jeito e é incorrigível. Na verdade nos damos bem. Eu e as minhas dúvidas, em convívio assexuado. Sim, elas existem. Esta semana por exemplo um jornal chama em manchete o nosso presidente de FIGAYREDO. Embaixo sapeca uma fotografia do João desmunhecando. Uma piada de mal gosto, gênero esquerda festiva da Zona Sul. A abertura política está deixando os nossos intelectuais (as exceções...) em situação de pânico. Existe é claro, o sindicato da oposição e da crítica na base de quanto mais uísque e ar refrigerado, mais sarcástica e irônica é a paulada no governo. Tenho diversos amigos que nestes últimos anos, sem saírem do Antônio, fabricam piadas e ironias e se classificam como verdadeiros guerrilheiros. São gigolôs do suor do povo. Contrabandistas de um futuro aguado. A esquerda brasileira virou um pequeno país habitado de antropófagos. Se comem uns aos outros sem usar azeite ou sal. A direita e o pessoal do centro são indefensáveis. Mas disfarçam higienicamente o caviar, com pele de farofa. Falando nisso, fizeram do Prestes, Arraes, Brizola, Julião, uma feijoada com gosto de um purê de batatas. Os líderes entraram em campo para continuarem com a piada da história política brasileira e não tinham fôlego para jogarem nem dez minutos.

O político brasileiro gosta de uma sombrinha com água fresca. E ali fabricam para a distinta platéia seus buscapés com fraldas. Mas quem manda nos países sul-americanos são os donos das metralhadoras.

O Delfim Netto está obeso de saber disso.

Ele é o sobrenome de uma inviabilidade social, econômica e política. E é alérgico à palavra nacionalismo e socialismo. As duas únicas opções de nossa sobrevivência histórica.

*Vi meus olhos de Noroeste*

— / / / —  
E. O Caetano Veloso. Disseram (acho que foi o Glauber Rocha) que todo baiano era genial e o bicho acreditou. (Atenção por favor meu copidésqui escrevi a palavra BICHO, masculino). Pois o Caetano um dia antes do Festival deu falação no JB e afirmou entre outras coisas:

— Jorge Ben, é o meu compositor favorito e absoluto. Ele é o MAIOR POETA BRASILEIRO DENIRO E FORA DA MÚSICA.

Ninguém tem dúvidas. Jorge Ben, como cantor e compositor, é melhor do que o Caetano. Agora o melhor poeta do Brasil... Toda obra poética do Jorge Ben, não tem a menor importância em relação a qualquer poema de uma antologia de um Drummond, Murilo Mendes, Jorge de Lima, João Cabral de Mello. E não tem a dimensão, nem a grandeza de algumas canções da Dolores Duran, Vinicius de Moraes, Caymmi ou do Chico Buarque.

A verdade que o Caetano não contou em sua entrevista: Ele entrou no Festival porque anda por baixo, sem credibilidade com a juventude e está lançando um novo LP na praça chamado Cinema Transcendental. E vai estrear um show em S. Paulo e está precisando de publicidade. Tudo bem, é um direito seu, como profissional. Agora, abrir um berreio e sair nas asas da imprudência dizendo que a música e a letra do Jorge Ben, DONA CULPA FICOU SOLTEIRA, é uma obra-prima, é coisa de otário. Otário metido a intelectual. A letra e a música Dona Culpa Ficou Solteira, é medíocre. Subliteratura, aguada, filosofia da Rua da Alfândega. Inacreditável como fragmento de uma obra séria e popular, como a do Jorge Ben.

Caetano entrou na arena com um blefe. Público de festival não brinca em serviço. Paga o ingresso e confere. Não faz cerimônias com as vaias e os aplausos. Caetano Veloso afirmou em sua entrevista. GOSTO DE PLATÉIAS CHEIAS; SOU INTERPRETE. VIVO DISSO. É COMO VER SANGUE E ELE CORRE NAS MINHAS VEIAS. Assisti o festival na casa do Glauber Rocha e sua mulher Paula. Houve um instante em que a Paula, alegre, disse:

— Estão jogando rosas brancas no Caetano.

O casal estava torcendo pelo compositor baiano.

Não eram rosas brancas.

Era papel amassado e uma violenta vaia.

Na saída do palco e ao entrar no bastidor do Anhembi, o compositor Caetano Veloso, deu uma entrevista, a televisão, para todo Brasil. Cometeu dois suicídios. Afirmou:

a) O POVO É IMBECIL.

b) O JÚRI É IMBECIL.

E o bicho (atenção meu copidésqui, volto a escrever BICHO...) resmungou: "Não havia no Júri, nenhum preto". Caetano Veloso se apresentou com acompanhamento de homens e mulheres. Nenhum preto. Nenhuma preta. Todos e ele mesmo, dentro de macacões coloridos que fariam a glória de qualquer bicha pobre na Broadway.

# Carlos Alberto

## Loffler

FOLHA DA TARDE - SP

17 / 11 / 79

volta ao ar pela Record, neste sábado, à partir das 23 horas.

- Tupi recebeu voto de louvor da Câmara Municipal, pela promoção da "Clio Awards 79".

- Na próxima sexta-feira, a Globo vai apresentar o especial de Sérgio Mendes.

- Celso Freitas, representante paulista da Globo no "Jornal Nacional", será o apresentador da festa "Uma Noite em Hollywood", que a AMAE vai promover no próximo dia 10.

- Vinicius de Moraes se recuperando bem e já está em casa, submetendo-se à última fase do seu tratamento.

- Elisabeth Savala e Marcelo Pichi descansando numa fazenda em São Carlos. Ainda em novembro, eles seguem para o Japão.

- Revista masculina fez convite a Wanderléia. Grande altíssima no lance. Ela está pensando.

- Cinira Arruda, acom-

FERREIRA NETTO

Vinicius de Moraes



# Roberto Carlos

Aterro do Flamengo, segunda-feira, seis horas da manhã. Um homem de cabelos encaracolados, olhar e andar calmos, se afasta do pequeno grupo. Começa o "rush" de trabalho da cidade. Ele tira a camisa, anda como se sentisse a grama, chutando-a devagar. Dos carros que passam é possível ouvir alguns dos muitos sucessos de Roberto Carlos. Ele também ouve. Deita-se, olha para o céu e sorri. Ali está Roberto começando outro "rush:" as gravações do Especial que irá ao ar, pela Globo, no dia 21 de dezembro.

## UM REI MUITO ESPECIAL

**R**oberto chegou a dormir na grama do Aterro. Foi um dos raros momentos de descanso nessa semana de peregrinações pelos núcleos de novelas e linhas de shows — parte do roteiro de gravações que inclui, entre outras, tomadas nas ruas de Nova Iorque, na sede da Organização das Nações Unidas, no Peru, na Pedra da Gávea e um encontro com a primeira professora.

O texto do Especial é de Ronaldo Boscoli, Marcos César e Eloy Santos. Direção de Augusto César Vanucci. Uma semana de gravações que praticamente agitou todos os setores da Globo.

Foram sorrisos de reencontro, choros de emoção, novidades do Rei.

— Acabo de comprar uma casa aqui na Urca e já decidi que vou mesmo me mudar de São Paulo para o Rio.

Entre intermináveis pedidos de autógrafos, fotos, abraços, o carinhoso tratamento de "bicho" que Roberto dispensa a todos.

— Não sei se esse é um carinho especial que sinto pelo povo.

Curiosamente, é a fama que me distancia fisicamente das pessoas da rua. Mas minha vontade é sair por aí abraçando e beijando todo mundo. O comentário termina aí. E hora de gravar. É a retrospectiva dos 15 anos da Globo e da própria carreira de Roberto. Trechos de toda programação da emissora, que ele apresenta:

— Eis o circo eletrônico. Cores, luzes ação. Venham conhecer o nosso circo eletrônico. A grande mágica. Ele é feito por gente como você.

De resto, gente como Paulo Gracindo, interpretando Vinicius de Moraes; além de Dina Sfat, Tarcísio Meira, Francisco Cuoco, Maria Betânia. Gente de novela, de show, de humor. E uma preocupação. Em vários quadros, Roberto reivindica melhores condições de trabalho para o músico brasileiro.

Isso nos encontramos no "Planeta dos Homens" e "Chico City", principalmente. Homenageia seus ídolos, relembra o programa do Ano

Internacional da Criança — "a maior campanha que realizei em toda minha vida". Daqui a oito dias, Roberto e equipe seguem para os Estados Unidos. Passam dez dias cumprindo parte do roteiro de 28 páginas, que prevê um encerramento de apoteótica comunhão. Roberto anuncia que são 15 anos de um espetáculo interminável.

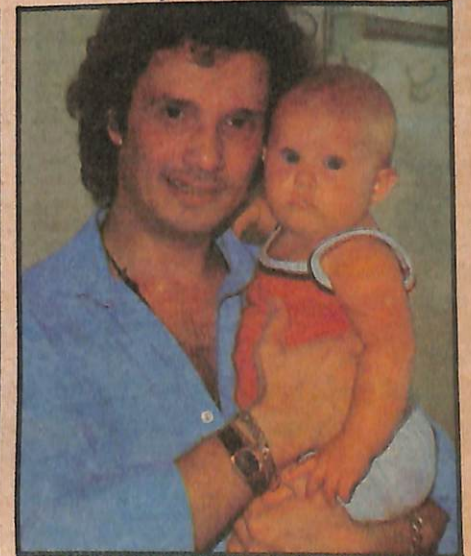
— Os gigantes, a fantasia, a força, a comédia. Enfim, a própria vida.



Depois de posar com Iara Cortes, o cantor foi obrigado a retocar a maquiagem. A temperatura aumentou na cozinha de "Marron Glacé".



No Planeta, a mesma euforia. Agora como motivo de humor para Agildo e Jô.



Com Viviane, de oito meses, filha do humorista Alfredo Murphy



No Sítio, as crianças fizeram a festa. Roberto ouviu muitas histórias e garantiu que seus filhos são fãs de Dona Benta.



Nos Trapalhões, Roberto perdeu o nome. Virou "ô pessit".



Com Chico Anísio, ouvindo, pra variar, piadas

### AO PAI, UMA HOMENAGEM

Pela sexta vez, Augusto César Vanucci dirige o Especial de Roberto. Nesse trabalho, um dos pontos altos é o quadro Recordações. Nele, Roberto apresentará uma música inédita, composta em parceria com Erasmo Carlos: "Meu querido, meu velho, meu amigo".

Esses seus cabelos brancos, bonitos,  
Esse olhar cansado, profundo  
me dizendo coisas num grito,  
me ensinando tanto do Mundo.  
E esses passos lentos de agora,  
caminhando sempre comigo,  
já correram tanto na vida,  
meu querido, meu velho, meu amigo.  
Sua vida cheia de histórias  
E essas rugas marcadas pelo tempo.  
Lembranças, de antigas vitórias  
Ou lágrimas choradas ao vento.  
Sua voz macia me acalma  
e me diz muito mais do que eu digo,  
me calando fundo na alma.  
Meu querido, meu velho, meu amigo.  
Seu passado vive presente  
nas experiências contidas.  
Nesse coração consciente  
da beleza das coisas vividas.  
Seu sorriso franco me anima  
seu conselho certo me ensina.  
Beijo suas mãos e lhe digo  
meu querido, meu velho, meu amigo.  
Eu, já lhe falei de tudo,  
mas tudo isso é pouco  
diante do que sinto  
olhando seus cabelos tão bonitos  
beijo suas mãos e digo:  
meu querido, meu velho, meu amigo.

FOTOS FERNANDO SEIXAS E ADIR MERA

POETAS

DA NOSSA

LÍNGUA

O Primeiro de Janeiro,  
18-11-79

# Vinícius de Moraes



É seu nome completo Marcos Vinícius de Melo Moraes. Nasceu no Rio de Janeiro em 1913. Formou-se em Direito e em Oxford seguiu cursos de literatura inglesa. Crítico, homem de teatro, diplomata, poeta, cançonetista, é considerado o poeta mais brilhante do modernismo ortodoxo — assim o define Mário da Silva Brito, no seu *Panorama da Poesia*

*Brasileira*, vol. VI *O Modernismo*, citando Sérgio Milliet. Depois de uma fase em que é «patético e dramático», utilizando o versículo bíblico, à maneira de Paul Claudel e de Patrice de la Tour du Pin, passa a cultivar um módulo poético mais próximo dos ritmos, da métrica e da rima populares. Com o soneto, ganha a sua poesia uma grande simplicidade. Mas não contente com isso, dá-se a uma poesia de estofa colectivo, colocando-se na perspectiva dos valores poéticos populares brasileiros, muito perto do folclore nacional.

Publica: em 1933, *O Caminho para a Distância*; em 1935, *Forma e Exegese*; em 1936, *Ariana, a Mulher*, em 1938, *Novos Poemas*; em 1943, *Cinco Elegias*; em 1946, *Sonetos e Baladas*; em 1949, *Pátria Minha*; em 1955, *Antologia Poética*; em 1956, *Orfeu da Conceição*; em 1957, *Livro de Sonetos*. Em 1960, aparece, na *Biblioteca Luso-Brasileira*, de Aguilar, toda a sua *Obra Poética*, em um volume, edição organizada por Afrânio Coutinho, com a colaboração do poeta.



## SONETO DE FIDELIDADE

De tudo, ao meu amor serei atento  
Antes, e com tal zelo, e sempre e tanto  
Que mesmo em face do maior encanto  
Dele se encante mais meu pensamento.

Quero vivê-lo em cada vão momento  
E em seu louvor hei-de espalhar meu canto  
E rir meu riso e derramar meu pranto  
Ao seu pesar ou ao seu contentamento.

E assim, quando mais tarde me procure  
Quem sabe a morte, angústia de quem vive  
Quem sabe a solidão, fim de quem ama

Eu possa me dizer do amor (que tive)  
Que não seja imortal, posto que é chama  
Mas que seja infinito enquanto dure.

## SONETO DE SEPARAÇÃO

De repente do riso fez-se o pranto  
Silencioso e branco como a bruma  
E das bocas unidas fez-se a espuma  
E das mãos espalmadas fez-se o espanto

De repente da calma fez-se o vento  
Que dos olhos desfez a última chama  
E da paixão fez-se o pressentimento  
E do momento imóvel fez-se o drama.

De repente, não mais que de repente  
Fez-se de triste o que se fez amante  
E de sozinho o que se fez contente

Fez-se do amigo próximo o distante  
Fez-se da vida uma aventura errante  
De repente, não mais que de repente.

## POEMA DO NATAL

Para isso fomos feitos:

Para lembrar e ser lembrados

Para chorar e fazer chorar

Para enterrar os nossos mortos —

Por isso temos braços longos para os adeuses

Mãos para colher o que foi dado

Dedos para cavar a terra.

Assim será a nossa vida:

Uma tarde sempre a esquecer

Uma estrela a se apagar na treva

Um caminho entre dois túmulos —

Por isso precisamos velar

Falar baixo, pisar leve, ver

A noite dormir em silêncio.

Não há muito que dizer:

Uma canção sobre um berço

Um verso, talvez, de amor

Uma prece por quem se vai —

Mas que essa hora não esqueça

E por ela os nossos corações

Se deixem graves e sólidos.

Pois para isso fomos feitos:

Para a esperança no milagre

Para a participação da poesia

Para ver a face da morte —

De repente nunca mais esperaremos...

Hoje a noite é jovem; da morte, apenas

Nascemos, imensamente.

(Antologia Poética)



## Vovó Gracinda: Primeiro o trabalho

*Gracinda Freire, num misto de alegria e tristeza, confidenciava aos amigos sua escalção para a novela "Tom e Gely": "estou feliz pelo trabalho e triste por perder as férias que estava programando com meus três netos, que chegam em dezembro de São Paulo". Os netinhos, pelo visto, terão que se contentar em ter vovó Gracinda disponível apenas nos finais de semana, já que as gravações começam a 15 de dezembro.*

● O cantor Carlos José fez show em Salvador e aproveitou para visitar Mãe Menininha do Gantois. A pedido da mãe-de-Santo, Carlos cantou a "Oração para Mãe Menininha", música de Toquinho e Vinícius de Moraes, gravada por ele há mais de dois anos. Com bons fluídos, Carlos José voltou ao Rio, acreditando que as bênçãos recebidas no Gantois ajudarão mais ainda sua vida.



## VAI ACONTECER

● O cartaz de "Aplauso", amanhã, às 21 horas, será "Espetáculo Guimarães Rosa", uma colagem com textos do criador de "Grande sertão: veredas", adaptados e dirigidos por Paulo José. No elenco, três grandes intérpretes do teatro e da televisão brasileira: Paulo Autran, Lima Duarte e Armando Bogus. Completa o espetáculo o Balet Stagium, que interpreta um bailado, revivendo o amor de Deobaldo Tatarana e Diadorim, talvez os mais famosos personagens da imortal saga roseana. (Canal 4)

● Abre-se, amanhã, a partir das 20 horas, na TV Bandeirantes, um novo horário de novela, com a estréia de "O todo poderoso", que focaliza os conflitos entre a medicina e a paranormalidade, com texto de Clóvis Levi e José Saffioti Filho. No elenco, entre outros, Jorge Dória, Eduardo Tornaghi, Selma Egrei, Renato Borghi, Marco Nanini e Jofre Soares. (Canal 7)

● "Nossa Ciência" desta semana — amanhã, às 23 horas apresenta um documentário especialmente feito para televisão, focalizando a doença de Chagas. As filmagens foram feitas na Ilha dos Macacos (onde são criadas as cobaias) e nos laboratórios da Fundação Oswaldo Cruz. Completa o programa um debate sobre o mal de Chagas

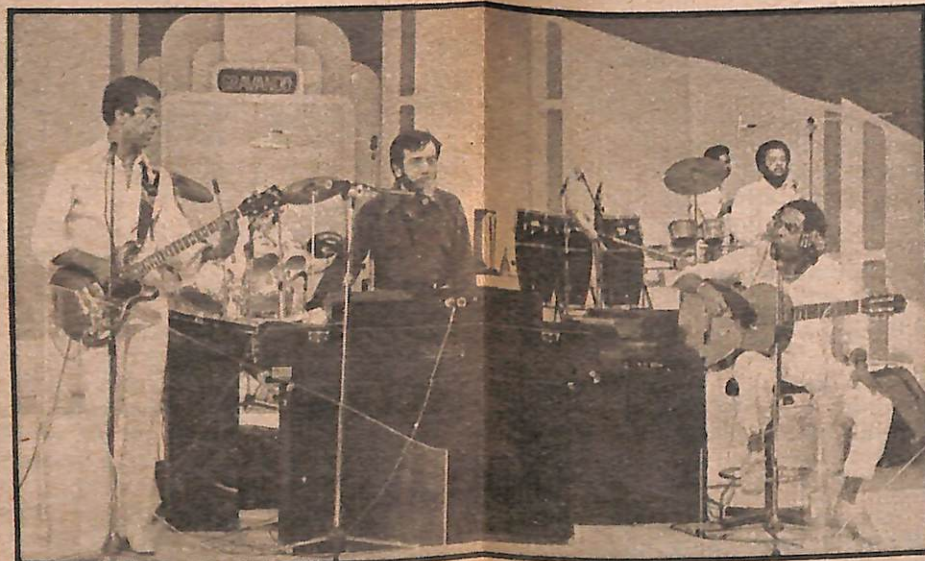


## A guerra das torcidas

Quadro satirizando as torcidas "gay" será um dos pontos altos do "Planeta dos Homens" amanhã. Paulo Silvino, Cecil Thiré, Eliézer Motta, Ailton Faria, Puruca e Kisco, como torcedores fanáticos no quadro escrito por Max Nunes, cantarão uma paródia de "Cantoras do Rádio", com muito humor, malícia, defendendo o "gay power".

como doença sócio-econômicas. Participação da socióloga Isabel Fontenelle Picaluga e do professor Bernardo Galvão Castro Filho. (Canal 2)

● Na pequena localidade de Anhoí, onde grande parte da população é constituída de carreteiros, Pedro e Bino (Antônio Fagundes e Stênio Garcia) são acusados, injustamente, da morte de um caminhoneiro da região. E passam a ser ameaçados de justicamento sumário. Esse o fio condutor de "Lei dos caminhoneiros", episódio desta semana em "Carga Pesada". O texto é de Haroldo Machado e no elenco, além dos atores fixos da série, estão Otávio Augusto e Milton Gonçalves. (Canal 4)



Jorge Ben, Sérgio Mendes e Gilberto Gil em "Sérgio Mendes Especial", o grande destaque da semana, no ar na próxima sexta-feira, no Canal 4

**T**urminha televisiva arrumando as malas para passar o primeiro fim de semana de dezembro na Bahia. Numa promoção da TV Aratu e do colunista Dema Ferreira, no Cajueiro Tênis Club, em Feira de Santana, Rejane Marques, Fernando Eiras, Jonas Bloch, Ana Lucia Ribeiro, Zizi Pozzi, Monique Lafond e Walter Magalhães receberão o prêmio Destaque 79. Os quatro primeiros da lista pelos desempenhos em "Pai Herói". Os demais, respectivamente, pelos trabalhos em música, cinema e produção para televisão.



De tanto viver sozinho com as duas filhas, Jonas Bloch transformou-se num raro exemplo de homem. Sabe cuidar da casa, onde comprar frutas e verduras mais baratas, o preço da carne, e, ainda por cima, cozinha bem. Quem está gostando de tantos predicados é Ana Lucia Ribeiro, que fogueou o coração do rapaz desde o final de "Pai Herói", onde trabalharam juntos.

Dorival Caymmi, Fernando Lobo, Artur da Távola e Fernando Sabino completam o programa com depoimentos sobre o entrevistado. (Canal 2)

● Januário Garcia, fotógrafo de publicidade, Fernando Pamplona, o embaixador Souza Dantas e os atores Haroldo Costa e Milton Gonçalves estão no programa "Em busca do conhecimento" da próxima quarta-feira, às 23 horas. O tema em debate será a cultura negra no Brasil. (Canal 2)

● "De repente, tudo novamente", segundo episódio de "Malu Mulher", vai ser reprisado nesta quinta-feira, às 22 horas, tendo Paulo Figueiredo como convidado especial, ao lado de Regina Duarte, Dênis Carvalho e Narjara Tureta, artistas fixos da série. Malu, recém-separada de Pedro Henrique, envolve-se num caso sentimental. (Canal 4)

● O grande destaque televisivo desta semana será o "Sérgio Mendes Especial", que a TV GLOBO vai apresentar nesta "Sexta Super", a partir das 21 horas. Para o programa, Sérgio Mendes resolveu usar as músicas de seu novo disco e mais três: "Mais que nada" de Jorge Ben, seu primeiro sucesso no exterior; "Emorió", uma das faixas do LP de Gilberto Gil, que acaba de produzir nos Estados Unidos, e "Milagre", de Dorival Caymmi, seu grande amigo. Ao lado de Sérgio Mendes, Gracinha Leporace, os instrumentistas e cantores do "Brasil 88". (Canal 4)